



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

AURILANE REGIS ROMÃO

**ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS
PEQUENAS NA PARAÍBA: a criação dos primeiros jardins de infância e os
escritos sobre infância na *Revista do Ensino* (1930-1942)**

Orientadora: Dra. Máira Lewtchuk Espindola

JOÃO PESSOA

2019



AURILANE REGIS ROMÃO

**ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS
PEQUENAS NA PARAÍBA:
a criação dos primeiros jardins de infância e os escritos sobre infância na *Revista
do Ensino* (1930-1942)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, em
cumprimento das exigências parciais para a
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^{fa} Dra. Máira Lewtchuk
Espindola

JOÃO PESSOA
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R761a Romão, Aurilane Regis.

ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS NA PARAÍBA: a criação dos primeiros jardins de infância e os escritos sobre infância na Revista do Ensino (1930-1942) / Aurilane Regis Romão. - João Pessoa, 2019.

55 f. : il.

Orientação: Máira Lewtchuk Espindola.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Alice de Azevedo Monteiro. 2. História dos jardins de infância. 3. Revista do Ensino da Paraíba. I. Espindola, Máira Lewtchuk. II. Título.

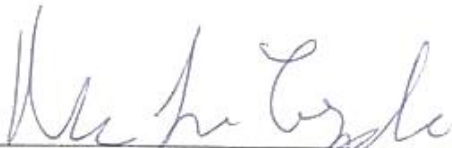
UFPB/BC

AURILANE REGIS ROMÃO

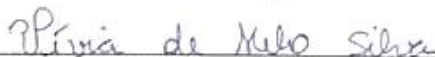
**ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS
PEQUENAS NA PARAÍBA: a criação dos primeiros jardins de infância e os
escritos sobre infância na *Revista do Ensino* (1930-1942)**

Aprovada em: 30 de setembro de 2019

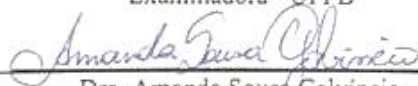
Banca examinadora



Dra. Maíra Lewtchuk Espindola
Orientadora - UFPB



Dra. Vivia de Melo Silva
Examinadora - UFPB



Dra. Amanda Sousa Galvêncio
Examinadora - UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço à inteligência suprema do universo que contribui a todo instante com a minha proteção, inclinando-me no caminho de boas realizações. Obrigado!

Gostaria primeiramente de agradecer a minha filha Helena, que mesmo sem entender, colaborou para que sua mãe quisesse progredir como pessoa e como profissional, os filhos nos faz querer ser sempre melhor!

A meu marido Reinaldo, que foi o primeiro a me incentivar na escolha do curso de Pedagogia, tendo eu, recebido dele muito incentivo em relação á profissão.

A minha mãe Esmeralda, que não compreende ainda o tamanho dessa realização, mas que mesmo assim me apoiou na minha caminhada como mãe-estudante.

Ao meu Pai Armando (em memória), que em vida sempre primou por seus estudos, não alcançou o ensino superior, mas se estivesse aqui, sentiria muito orgulho de sua filha ser a primeira da família a se formar em um curso superior em uma Universidade Federal.

A minha avó Paterna Joana, que me instigou com suas histórias de vida e sua simplicidade.

A minha Orientadora Maíra, que com seu profissionalismo e generosidade, me inspirou como professora e como pessoa, conduzindo-me neste trabalho com todo o carinho e simplicidade que ela possui.

As minhas queridas amigas de turma, em especial: Jussara Marinho, Isabel Cristina e Juliana Trigo, por terem me auxiliado nos momentos de dificuldade, ajudando-me com palavras ou atitudes que me fizeram seguir em frente.

Aos queridos professores: Edilene Santos, Vivia de Melo, Edson Guedes, Jeane Félix, Maria Lúcia Nunes e Maíra Lewchuk. Todos estes deixaram profundas marcas de afeto, admiração, gratidão e aprendizado.

Devido a colaboração de outrem no acesso às fontes, tivemos uma maior facilidade de manipular os dados e as fontes utilizadas no nosso trabalho acerca dos Jardins de Infância, devendo os nossos profundos agradecimentos àqueles que contribuem para o registro e preservação da História e História da Educação.

Por fim, agradeço a todos aqueles amigos "desbloqueados" que fiz durante a minha trajetória. Destaco a mais recente surpresa de amigas que se tornaram queridas para mim: Suênia Guedes e Mariza Gomes. Obrigado pelo incentivo!

Aqui, representamos um rio, para fora sempre fica um oceano. Há muito ainda que se publicar.
Freitas e Kuhlmann Jr. (2002, p.19).

RESUMO

O presente trabalho tem como tema Alice de Azevedo Monteiro e as *Revistas do Ensino* da Paraíba das décadas de 1930 e início da década de 1940. Alice Monteiro atuou na criação e na manutenção de dois jardins de infância, tendo sido jornalista e professora. O objetivo principal entender a atuação de Alice de Azevedo Monteiro na história dos jardins de infância na Paraíba. Seguindo dos objetivos específicos: Investigar sobre a história dos jardins de infância no Brasil e na Paraíba; Mapear e apresentar as questões sobre a infância na Revista do Ensino na Paraíba das décadas de 1930 e 1940. O recorte histórico da pesquisa teve como marco inicial o ano de 1930 quando Alice de Azevedo Monteiro iniciou seu percurso na construção dos jardins de infância na Paraíba e a data final foi o ano 1942 data da última *Revista do Ensino* pesquisada e provavelmente o ano do falecimento da professora. Se utilizou como fonte principais as revistas, já que essas podem contribuir para o pesquisador entender a movimentação de ideias do período, além do cotidiano dos projetos políticos e educacionais, os quais eram alvo de disputa na sociedade. Também se trabalhou como fonte fotografias dos jardins de infância que apresentou importantes contribuições para se pensar as salas de atividades nas quais as crianças estudavam. Ao se percorrer os escritos sobre infância e sobre as crianças na *Revista do Ensino*, se procurou contribuir para a escrita da história da infância no Brasil e, especificamente, na Paraíba, trazendo à tona os sujeitos que atuaram na educação das crianças. Na Paraíba ocorreu uma grande proliferação de jardins de infância na década de 1930 e se mapeou os escritos sobre a infância nesse período. A educação da primeira infância foi percebida como necessária para nação e estava ligada à preparação das crianças para as primeiras letras e a sua formação enquanto futuros cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Alice de Azevedo Monteiro. História dos jardins de infância. Revista do Ensino da Paraíba.

ABSTRACT

The present work has as its theme Alice de Azevedo Monteiro and the Paraíba Teaching Journals of the 1930s and early 1940s. Alice Monteiro worked in the creation and maintenance of two kindergartens, having been a journalist and teacher. The main objective was to map the articles on childhood and child in the Revista do Ensino in Paraíba from the 1930s and 1940s. Also: explore Alice Monteiro's life trajectory as a teacher, as well as her contributions to early childhood education; and investigate the history of kindergartens in Brazil and Paraíba. The historical outline of the research had as its starting point the year 1930 when Alice de Azevedo Monteiro began her career in the construction of kindergartens in Paraíba and the final date was the year 1942 date of the last journal of the researched and probably the year of death. From the teacher. The main source was the journals, as these can help the researcher to understand the movement of ideas of the period, as well as the daily political and educational projects, which were the subject of dispute in society. It also worked as a source for photographs of kindergartens that made important contributions to think about the activity rooms in which the children studied. By going through the writings about childhood and about children in the Revista do Ensino, we tried to contribute to the writing of childhood history in Brazil and, specifically, in Paraíba, bringing up the subjects who worked in the education of children. In Paraíba there was a large proliferation of kindergartens in the 1930s and the writings on childhood were mapped during this period. Early childhood education was perceived as necessary for the nation and was linked to the preparation of children for the first letters and their formation as future citizens.

KEYWORDS: Alice de Azevedo Monteiro. History of kindergartens. Paraíba Teaching Magazine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Preventório Eunice Weber. Fonte: Google Street view	11
Figura 2 Escola Estadual Alice de Azevedo, erguido ao lado do Preventório. Fonte: Google Street view.	12
Figura 3 Inauguração do Jardim de Infância no Grupo Escolar Tomaz Mindello. Fonte: Revista do Ensino (1934, p.46-47).	25
Figura 4 Jardim de infância Santa Therezinha. Fonte: Revista do ensino (1936, p.35). 27	
Figura 5 Jardim de infância Isabel Maria das Neves. Fonte: Revista do Ensino (1936, p. 56).	28
Figura 6 Jardim de Infância Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: Revista do Ensino (1936, p. 43).	29
Figura 7 Capa da Revista do Ensino, n. 14, 1936.	32
Figura 8 Uma aula ao ar livre. Fonte: Revista do Ensino (1933, p. 26).	37
Figura 9 Concurso de Robustes. Fonte: Revista do Ensino (1933, p 29).	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2 “IMPOR O JARDIM DE INFÂNCIA À PARAÍBA”: breves aproximações sobre a implantação dos jardins de infância na Europa e na Paraíba.....	17
2.1 Breves apontamentos sobre a história dos jardins de infância na Europa....	17
2.2 Os Jardins de Infância no Brasil e na Paraíba.....	20
3. MAPEAMENTO DA INFÂNCIA NAS REVISTAS DO ENSINO DA PARAÍBA: ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E OS JARDINS DE INFÂNCIA.....	31
3.1 A Revista do Ensino	31
3.2 As crianças e a infância na Revista do Ensino	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	52
FONTES	54

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema Alice de Azevedo Monteiro e as *Revistas do Ensino da Paraíba* das décadas de 1930 e 1940. Alice Monteiro atuou na criação e na manutenção de dois Jardins de Infância, tendo sido jornalista e professora.

Infelizmente temos poucas informações sobre a vida de Alice de Azevedo, sabemos que ela foi casada com o Médico Dr. Alfredo da Costa Monteiro. Ela foi membro do Instituto de História e Geografia da Paraíba (IHGP), empossada no dia 19 de julho de 1936¹. Também foi presidente da Sociedade de Assistência aos Lázarus da Paraíba e vice-presidente da Sociedade dos Professores primários da Paraíba. Iniciou sua carreira de professora no ensino noturno. Monteiro escreveu na imprensa paraibana: nos jornais *A União* e *A Imprensa* e nas *Revistas do Ensino* e *Era Nova*.

Monteiro também participou da **Associação Paraibana pelo Progresso Feminino** (APPF), tendo como cargo a de secretária e de oradora. Segundo Nunes (2011), o objetivo desse espaço seria o de discussão de temas variados tais como: direitos da mulher, poesia, moda, educação, política, etc.

Ainda sobre a Associação Paraibana pelo progresso feminino, Nunes (2011) ao falar de vários temas encontrados nas publicações internas da associação, o tema educação possuía recorrência para publicações, e destaca dentre alguns, em 10 de novembro de 1935, o artigo “Mestre de Hoje” de Alice de Azevedo Monteiro.

Sua trajetória como professora teve início no ensino noturno. Tendo sido nomeada com o decreto nº 954, de 28 de junho de 1918, obteve lugar de destaque nessa modalidade mesmo não sendo seu principal feito (SILVA, 2017).

A preocupação com as crianças e a infância foi sentida em diversas épocas da sua carreira, como por exemplo, a sua contribuição para o projeto e manutenção do chamado Preventório, que dava assistência aos filhos das pessoas com o mal de Hansen na época popularmente chamado de Lepra. A instituição foi construída em um bairro do Rio do meio que pertencia ao município de Santa Rita, que depois dos anos de 1959 viria a pertencer ao Município de Bayeux.

Esse foi um dos motivos que nos levou a querer estudar essa professora, tínhamos a curiosidade de saber mais sobre o Preventório, devido ao fato da nossa naturalidade ser

¹ Informação constante em: <http://www.ihgp.net/discurso_de_posse_modesto.htm>.

do município de Bayeux, além do que, nossa avó trabalhou lavando roupa no Rio que dá nome ao Bairro do Rio do meio. Sendo o Instituto dos “Leprosos” um lugar carregado de estigmas e histórias contadas pela população local. A proximidade pessoal com o Preventório de assistência aos filhos dos Lázaros da Paraíba e o conhecimento de se ter sabido que a pessoa responsável por esse benefício se tratava de alguém importante para o Jardim de Infância na Paraíba gerou ainda mais o nosso desejo de realizar esta pesquisa.

Em relação a Instituição chamada de Preventório Eunice Weber que assistia os filhos das pessoas com Lepra, essa obra teve sua construção iniciada em 1938.

Em sondagem às memórias sobre o Preventório Eunice Weber descobrimos que a população local conhece à instituição como "Educandário", tendo sido memorizado por aqueles com mais idade como uma instituição de profunda importância de assistência às crianças, pois por ali passaram muitas as crianças da época. Vejamos abaixo uma foto obtida no site do *Google Street View*:



Figura 1 - Preventório Eunice Weber. Fonte: Google Street view

Posteriormente, foi erguido uma escola Estadual ao lado do Preventório Eunice Weber, que ganhou o nome de Alice de Azevedo Monteiro em homenagem póstuma. Infelizmente, o “Educandário” foi demolido e a escola Estadual está fechada atualmente. Esses fatos mostram uma lacuna e uma “destruição” da memória e do patrimônio da história do município de Bayeux e da Paraíba.



Figura 2 Escola Estadual Alice de Azevedo, erguido ao lado do Preventório. Fonte: Google Street view.

Alice Monteiro também possui o seu nome registrado em uma das ruas do centro de João Pessoa, possivelmente em homenagem às suas contribuições à educação e proteção da Infância, essa rua tem como ponto de referência a Rua Diôgo Velho um quarteirão antes da Cagepa.

Não conseguimos identificar a data da morte de Monteiro, apenas sabemos que foi prematura, e que deve ter ocorrido entre os anos de 1941 e 1942. Em 1941, ainda encontramos escritos da professora na *Revista do Ensino* e na revista de 1942 há uma homenagem póstuma assim como a republicação de alguns dos seus artigos.

Escolhemos este tema devido à nossa identificação com a infância e educação infantil, que durante a nossa vida acadêmica foi acolhida com bastante identificação. Um dos fatores relevantes para realização desta pesquisa foi o fato de Alice Azevedo ter sido fundadora dos dois primeiros Jardins de Infância na Paraíba. Segundo Lima (2011), em 1932 foi inaugurado o primeiro Jardim de Infância particular na Paraíba, que funcionou na residência da Professora Nayde Ribeiro. Já em 1934, foi implantado o Jardim de Infância “Oficial” através do Diretório de Ensino Público da Paraíba.

Em consonância com a vontade de estudar a infância, adentramos no grupo de estudo do Prolicen “ARQUIVOS ESCOLARES: Professores e crianças como

construtores de memórias e guarda”² como voluntária. Nesse mesmo período fomos vinculadas ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil - GT Paraíba (HISTEDBR/PB)³.

Iniciamos realizando um levantamento sobre os trabalhos existentes que possuíam como eixo a atuação de Alice de Azevedo e, também, pesquisas sobre as *Revistas do Ensino da Paraíba*. Encontramos um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Percurso e Percalços na Implantação dos Jardins de Infância na cidade da Parahyba: uma contribuição ao estudo sobre educação infantil (1917-1939)” de autoria de Rosângela Chrystina Fontes de Lima, defendido em junho de 2011 no curso de História. Esse trabalho teve como objetivo principal “Investigar e analisar alguns aspectos acerca da institucionalização e organização dos primeiros jardins de infância na capital paraibana”. A qual possui o enfoque na história das instituições.

Ainda encontramos uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação em (2017), por Shirley Targino Silva, a qual teve como objetivo principal: “Analisar o envolvimento das educadoras Analice Caldas de Barros, Albertina Correia de Lima e Alice de Azevedo Monteiro no processo histórico de escolarização da Paraíba”. Esta pesquisa trabalha com os textos de Alice Monteiro e demais professoras enfocando o feminismo.

O TCC de Lima (2011) e a dissertação de Silva (2017) nos auxiliaram a compor uma breve biografia da professora, pois apesar de terem focos diferenciados, as duas autoras também trazem biografias sobre a Monteiro.

Vimos também um artigo intitulado “Alice de Azevedo Monteiro-Signatária dos Jardins de Infância na Paraíba da década de 1930” de Shirley Targino, Larissa Meira e Bruna Gomes, apresentado em congresso.

² Esse projeto tem a coordenação da Professora Dra. Máira Lewtchuk Espindola (DHP/UFPB) e tem a colaboração da Professora Dra. Amanda Sousa Galvício (DEBAS/UFPB). Seu objetivo principal é realizar oficinas pedagógicas para constituição de acervos escolares no qual os/as professores/as e as crianças da Educação Infantil sejam construtores de uma memória educacional e produtores de uma história da educação.

³ O HISTEDBR-PB conta com a coordenação do Professora Dra. Máira Lewtchuk Espindola e da Professora Dra. Mauricéia Ananias. Está vinculado ao grupo nacional do HISTEDBR, coordenado pelo Prof. Dr. Dermeval Saviani da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O grupo local tem como foco desenvolver pesquisas em história da educação na Paraíba e realizar levantamentos e catalogações de fontes para pesquisas nesse campo do conhecimento no estado.

Lemos o artigo “Vocação, Missão, Profissão: A Docência na Visão das Educadoras Paraibanas” escrito por Maria Lúcia Nunes, Adriana Marcineiro Vilar e Elane Candido da Silva (2012), voltado também para a atuação feminina de Monteiro.

Sobre a *Revista do Ensino* encontramos os trabalhos intitulados “Para Além do Didático-Pedagógico: A Formação de Professores na Revista do Ensino da Paraíba” das autoras Vivian de Melo Silva e Melânia Mendonça Rodrigues (2016). E também o artigo “A Educação da Infância: Uma Leitura na Revista do Ensino da Paraíba (1932-1934)” de Meryglauca Silva Azevedo, do ano de 2015. Esses trabalhos foram bases para entendermos o lugar na sociedade que ocupava essa revista.

Por fim, ainda destacamos o TCC de Carla Guedes do Nascimento que tem como título “Ideias de Xavier Júnior sobre o jardim de infância da Paraíba na Primeira República” e foi defendido em 2018 no curso de Pedagogia da UFPB com a orientação da Professora Maíra Espindola. E seu objetivo principal foi “[...] compreender a necessidade de implementar a educação para as crianças pequenas na Paraíba, indicada nos Relatórios da instrução pública divulgados por Xavier Júnior de 1908 a 1913.” (NASCIMENTO, 2018, p. 08).

Pensar a história dos jardins de infância aliada a produção de uma professora, tende a agregar bastante ao campo de pesquisa dos graduandos em Pedagogia. Portanto, sentimos a necessidade de pesquisar sobre Alice de Azevedo Monteiro e realizar um levantamento dos seus escritos sobre a infância nas *Revistas do Ensino*.

Nessa perspectiva, o marco inicial do nosso recorte foi o ano de 1930 quando Alice de Azevedo Monteiro iniciou seu percurso na construção dos jardins de infância na Paraíba e a data final foi o ano 1942 data da última *Revista do Ensino* pesquisada provavelmente o ano do falecimento da professora.

As fontes pesquisadas e utilizadas foram: 15 exemplares das *Revistas do Ensino* da Paraíba; Fotos contidas na Revista do Ensino; Foto retirada do artigo da autora Shirley Targino, citado acima; Usamos de forma pontual mensagens dos presidentes de estado.

Segundo Morel e Barros (2003, p. 08) são muitas as pesquisas em história que trabalham com a imprensa “[...] como fonte documental, integra-se a outros materiais que dão suporte a pesquisas e reflexões em áreas diferentes; como objeto, transforma-se ela mesma no foco dos trabalhos”. E Espindola (2017, p. 38) coloca que a utilização da imprensa “[...] como fonte de pesquisas pode contribuir para o pesquisador entender a movimentação de ideias do período, além do cotidiano dos projetos políticos e educacionais, os quais eram alvo de disputa na sociedade”.

Para analisar as fotografias utilizamos como base o texto de Sonego (2010). Para se ter uma leitura da imagem fotográfica precisamos entender diversos elementos da mesma como: Por que foi produzida? Como? Qual a sua finalidade? Qual a sua intensão? O que essa imagem quer mostrar? E ainda o que essa imagem quer deixar registrada?, ou seja, “[...] faz-se necessário levantar os diversos aspectos contidos na fotografia e sua contextualização, perceber os conteúdos subjacentes e os motivos para seu registro.” (SONEGO, 2010, p. 119).

O presente trabalho tem como objetivo principal: entender a atuação de Alice de Azevedo Monteiro na história dos jardins de infância na Paraíba. Seguindo dos objetivos específicos:

- ✚ Investigar sobre a história dos jardins de infância no Brasil e na Paraíba;
- ✚ Mapear e apresentar as questões sobre a infância na *Revista do Ensino* na Paraíba das décadas de 1930 e 1940.

Do ponto de vista das contribuições para a história da infância Freitas e Kuhlmann Jr. (2002, p. 08) colocam que: “[...] há muito tempo se buscam os elementos mais adequados para a constituição de uma ciência capaz de compreender a criança e que, na maior parte do tempo, a educação foi considerada essa ciência *primordial*”. Em outro trecho explicam ainda mais importância desses estudos: “Aqui, representamos um rio, para fora sempre fica um oceano. Há muito ainda o que se publicar. Percebeu-se também, a necessidade premente de se organizar, um *mapa* dos arquivos sobre infância espalhados mundo afora. Não será possível parar de trabalhar” (FREITAS; KUHLMANN JR, 2002, p. 19).

O tema infância segundo Kuhlmann Jr. (2002) não é algo tão simples de lidar pois existem várias definições para criança e "infâncias" esse plural diz respeito à variabilidade de condições e situações da infância do indivíduo.

A criança nem sempre foi objeto de estudo da história e nem mesmo da educação. Apenas a pouco tempo podemos perceber que os documentos norteadores da Educação Infantil passaram a reconhecer as crianças como sujeitos históricos e de direito. Essa longa trajetória no campo, acabou por ocultar os estudos com as crianças pequenas e quando estes existiam eram apenas sob a ótica dos adultos. Portanto, precisamos entender como ocorreu essa educação em diversos momentos da história da Paraíba e do Brasil.

O primeiro passo na elaboração deste trabalho foi referente a pesquisa e seleção de textos sobre Alice de Azevedo Monteiro, escolhemos os materiais bibliográficos existentes na internet, fazendo leituras prévias, para a identificação e o fichamento. A

maioria dos trabalhos sobre Monteiro tinham como foco principal sua atuação como mulher e sobre o feminismo. Semanalmente ocorreram reuniões com o grupo de estudos, no qual eram discutidos e debatidos os textos referentes à temática infância, sobre história da educação e sobre Alice de Azevedo na Paraíba.

Fizemos visitas aos arquivos públicos da cidade de João Pessoa: Instituto Historiográfico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e Arquivos Históricos da Paraíba localizado no Espaço Cultural José Lins do Rêgo. E ainda recolhemos fontes dos *sites*: da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; da *Revista do Ensino* da Paraíba, no repositório da Universidade Federal da Paraíba e no Google Acadêmico. Essas investigações buscaram recolher documentos e fontes que evidenciavam a atuação de Alice Monteiro, assim procuramos compor uma narrativa sobre sua vida pessoal e profissional.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. Nesse primeiro apresentamos como realizamos nossa pesquisa. No segundo, intitulado “impor o jardim de infância à Paraíba”: breves aproximações sobre a implantação dos jardins de infância no mundo e na Paraíba” trazemos breves apontamentos sobre a história dos jardins de infância na Europa, no Brasil e na Paraíba. No capítulo seguinte, nos propomos a mapear o tema infância nas *Revistas do Ensino*. E, por fim, apresentamos as considerações finais do nosso percurso.

2 “IMPOR O JARDIM DE INFÂNCIA À PARAÍBA⁴”: breves aproximações sobre a implantação dos jardins de infância na Europa e na Paraíba

Neste capítulo fizemos um passeio pela história dos jardins de infância no mundo e no Brasil, para chegarmos a Paraíba, trazendo as nossas contribuições da pesquisa por meio de fontes e de fotografias coletadas e analisadas. Realizar esse levantamento teórico foi de grande importância para nós que estamos iniciando na história da educação.

2.1 Breves apontamentos sobre a história dos jardins de infância na Europa

Na Europa e nos grandes centros industriais, a proliferação de Jardins de Infância estava ligada à necessidade das crianças possuírem um local para ficar, enquanto seus pais trabalhavam, esses locais chamavam-se, por exemplo, “asyles d'enfants em Paris, dos Kinderbewahranstalten em Viena e Berlim”. (KUHLMANN JR., 2001, p. 04). Esses estabelecimentos aceitavam crianças de dois a sete anos de idade e ainda existiam as “creches” que aceitavam crianças recém-nascidas. Muitos desses espaços possuíam uma intenção humanitária mais do que pedagógica e eram frequentados, em sua maioria, por famílias das classes populares.

Foi nesse contexto que surgiu, segundo Kuhlmann Jr. (2001), o “sistema Froebel”, o qual realizou uma reforma pedagógica na educação fornecida para a pequena infância. Assim esses espaços (jardins de infância) atraíram as classes abastadas, enquanto os asilos e as instituições sociais ainda possuíam um cunho predominantemente assistencialista.

Na Europa, as intenções da criação de instituições voltada à educação infantil para crianças de zero a seis anos começou no século XVIII, devido à necessidade das mães trabalhadoras e pobres. Segundo Kuhlmann Jr. (2001, p. 05) “[...] a ‘escola de tricotar’, criada por Oberlin em 1769, na paróquia rural francesa de Ban-de-la-Roche, tem sido reconhecida como a primeira delas.” Nelas as crianças deveriam aprender as letras minúsculas, a soletrar; pronunciar bem as palavras; assim como aprender a obedecer, ser bom, perder vícios, ter noções de moral e religião.

⁴ (MONTEIRO, 1936, p.16).

Muitas outras instituições para a instrução da pequena infância foram criadas e disputaram o espaço da educação das crianças pequenas. São exemplos delas citadas por Kuhlmann Jr. (2001): a escola anexa a fábrica de Robert Owen⁵; a *Infant School Society* fundada por Samuel Wilderspin que utilizava o método de Lancaster⁶; o asilo francês⁷; a *crèche* criada por Marbeau⁸, destinada à crianças menores de três anos; os asilos da infância desvalida em Portugal⁹; entre outras.

Essa diversidade de modelos educacionais destinados à pequena infância nos mostra que a história da educação infantil deve ser pensada para além da dicotomia assistencialismo/educacional e que o modelo froebeliano não foi o único a existir.

O *Kindergarten* (Jardim-de-Infância) criado por Froebel na década de 1840 sintetizou a proposta pedagógica para as crianças e articulou as famílias em torno dessa educação, fazendo articulação entre esfera pública e privada. (KUHLMANN JR., 2001). Sua disseminação pela Europa foi decorrente à publicação de materiais didáticos, de associações e de brinquedos destinados à educação das crianças¹⁰. Froebel possuiu uma

⁵ Essa instituição estava localizada na Suíça, um operário e uma assistente eram encarregados de cuidar das crianças pequenas. As crianças deveriam aprender “[...] a raciocinar sobre os objetos e a natureza ao redor, aprender a fazer exercícios de evolução militar, danças e canto de coral”. (KUHLMANN JR., 2001, p. 06).

⁶ Assim como para a instrução dos alunos mais velhos, os professores escolheriam as crianças que serviriam de monitores da turma, ensinando às menos adiantados. A sala deveria ser ampla, com uma arquibancada e um anfiteatro que serviriam ao grande grupo de crianças. Também existiam ambientes destinados a crianças com diferentes idades que eram monitoradas pela criança responsável. O material didático era exposto nas paredes, assim como crucifixo fixado à parede demonstrando uma forte influência religiosa na educação. (KUHLMANN JR., 2001).

⁷ Esse asilo francês tinha uma perspectiva de cuidado e de educação moral e intelectual para com as crianças, o trabalho feminino fora de casa crescia, devido a fatores como a revolução industrial, sendo necessário guardar as crianças em lugar seguro, tendo em vista que anteriormente elas eram cuidadas por uma só pessoa que morava nos arredores dos domicílios das trabalhadoras. (KUHLMANN JR., 2001). O trecho acima fica evidente a preocupação não só com o cuidado físico da criança, mas também com o educacional, o moral, o espiritual e, em certa medida, com a cidadania.

⁸ A brincadeira, os brinquedos, a sociabilidade e as atividades prazerosas às crianças ganhavam força, pois se compreendia que isso contribuiria para o desenvolvimento da criança, e auxiliaria aos anseios de se ter ordem social, através de indivíduos adaptados à sociedade. Kuhlmann Jr. (2001, p. 09) destaca: “Porque está é a verdadeira natureza, a genial e culminantíssima missão da creche: sustentar o corpo e acepillar o espírito da criança, dar pão e dar educação, distribuir alimento e luz, ser berço e ser escola[...]”.

⁹ Em 1834, esses locais foram considerados em termos pedagógicos mais completos que as dos franceses e ingleses, pois lá a instituição não se limitava a cuidados físicos inerentes ao ser humano.

¹⁰ Já em 1880, o arquiteto americano Frank Lloyd Wright comprou os direitos de fabricação do jogo com formas geométricas de Froebel, criando o jogo “Pequeno Construtor”, pois relatou que ganhara um de sua mãe na infância e teria guardado em sua memória como algo que agregou em sua formação. (KUHLMANN, 2001, p.10).

fábrica de brinquedos e nela eram construídos jogos e brinquedos dedicados à disseminação do seu método de ensino. Bem como, ministrou diversos cursos de formação dedicados às professoras denominadas por ele de “jardineiras”. Segundo Azevedo (2013, p. 44):

[...] o perfil adequado de uma educadora froebeliana deve ser o de alicerce, base, fulcro do trabalho escolar [...] a professora deve ter um perfil de adulto como modelo a ser seguido pelas crianças, protetora da infância, preparadora e organizadora do ambiente, ser habilidosa na observação dos seus alunos, ter destreza manual, ser mulher, ativa, culta, paciente, sincera, humana, criativa, estudiosa e crente no criador.

Em 1851, os *Kindergartens* foram banidos devido ao regime reacionário prussiano, pois alegou-se ser centros de promoção de ateísmo e local de subversão política, além de estimular o trabalho feminino fora do lar. Porém seu banimento favoreceu a sua disseminação mesmo após a morte de Froebel em 1852.

A propagação internacional dos jardins de infância ocorreu no final XIX e começo do século XX, com a expansão das relações internacionais, expansão de ferrovias, crescimento do urbanismo, desenvolvimento científico, desenvolvimento industrial, entre outros. Outro fator que ajudou a sua disseminação foram os congressos de higiene, de direito, de assistência e de educação, assim o tema infância era uma questão obrigatória a se pensar, era um tema em ascensão. (KUHLMANN JR., 2001). Países como EUA, Japão, Áustria, Bélgica, Inglaterra e Portugal adaptaram e recriaram seus modelos de Jardins de infância.

Outra forma de disseminação da educação das crianças pequenas foi por meio da criação de cursos específicos para a formação dessas professoras como por exemplo “[...] no final da década de 1880, a Escola Normal de Madri mantinha um curso de formação específico e um jardim-de-infância anexo.” (KUHLMANN JR, 2001, p.14).

No próximo tópico, tratamos rapidamente da implantação do primeiro jardim de infância no Brasil e depois discutimos a disseminação dos jardins de infância na Paraíba.

2.2 Os Jardins de Infância no Brasil e na Paraíba

O Brasil, do final do século XIX quando os primeiros jardins de infância foram implantados, ainda era um país escravocrata e com o regime monárquico, houve uma importante ligação entre a criação dessa modalidade de educação com a instrução para o controle social das pessoas. No Rio de Janeiro foi inaugurado o primeiro jardim de infância privado do país em 1875 e dois anos depois fundou-se um em São Paulo.

Para a disseminação dos modelos educacionais dos países ditos desenvolvidos, ocorriam exposições de materiais pedagógicos a exemplo das que ocorreram no Rio de Janeiro. Nessas os materiais advinham de países europeus, América do Sul e América do Norte, segundo Kuhlmann Jr. (2001) eram expostos trabalhos feitos pelas crianças, mobília, papéis quadriculado, livros e diversos materiais que faziam parte dos conceitos froebelianos.

Outros modelos pedagógicos também foram trazidos para o Brasil como as salas de asilos francesas. Teorias como as de Mallet, de Marbeau, de Michelet e de Augusto Comte marcaram grande influência no pensamento pedagógico para a primeira infância nesse período. Havia a necessidade de se adaptar essas teorias à realidade brasileira. Kuhlmann Jr. (2001) exemplifica essa adaptação com as críticas destinadas às brincadeiras e brinquedos do período. Uma delas seria a “brincadeira de Capitão-do-mato e escravo”, a qual buscava replicar o cotidiano da sociedade escravocrata. A tentativa de europeizar essas brincadeiras nem sempre foi percebida de forma positiva, pois havia uma função social para a sociedade brasileira, normalizar as relações sociais. Outra influência sentida no Brasil, vieram das missões protestantes norte-americanas, as quais contribuíram para a expansão no Brasil.

No Rio de Janeiro em 1875, Menezes Vieira e sua esposa D. Carlota de Menezes Vieira fundaram um jardim de infância anexo ao Colégio Menezes para crianças do sexo masculino de três a seis anos. Localizada em um bairro nobre e destinada para as classes mais ricas. Porém Kuhlmann Jr. (2001) destaca ter encontrado registros de 1883 de um jardim de infância regido por Hemérito José dos Santos e auxiliado pela professora Maria da Conceição de Melo Moraes, questionando a unanimidade e o pioneirismo de Menezes Vieira, contudo, Menezes Vieira era o nome que sobressaía na época.

Nesse jardim de infância utilizava-se do método intuitivo¹¹, que trazia elementos concretos para compreensão do abstrato, não se ensinava palavras. Dessa forma se utilizava de objetos para tornar mais eficaz a aprendizagem. Kuhlmann Jr. (2001) também relata a abolição de castigos e obrigação do ensino do ABC. Nos próximos tópicos, percebemos algumas dessas práticas defendidas por Alice de Azevedo Monteiro nas *Revista do Ensino da Paraíba*.

Na década de 1880, os jardins de infância brasileiros tinham programa o ensino de ginástica, de música e de trabalhos práticos e manuais, esse modelo se perpetuou até o início do século XX, período do nosso trabalho. O jardim de infância Menezes Vieira trouxe o modelo alemão, inclusive materiais pedagógicos, a bandeira alemã (estada ao lado da brasileira) e a construção de ambientes adaptados ao clima brasileiro (BASTOS, 2001).

Bastos (2001) ainda destaca que a implantação dos jardins de infância no Brasil também sofreu oposição. No Rio de Janeiro, por exemplo, Manoel Olimpo R. da Costa achava oneroso para o Estado e colocava que os jardins de infância não trariam solução para o Brasil, visto que, não existia garantia de educação nem para faixas etárias de sete a 15 anos. Outros nomes também discordavam da implementação dos jardins de infância, Alberto Brandão alegava que os jardins de infância eram instituições sem preocupação pedagógica, destinadas a filhos de operários ou em atenção a desvalidos, além do mais as crianças deixavam de ser cuidada pelas mães, o que trazia preocupações, pois o trabalho feminino não era aceito por muitos na sociedade brasileira. (BASTOS, 2001).

Vale salientar que muitos desses esforços em defesa dos jardins de infância vieram de iniciativa privada, e o governo não tinha responsabilidade sobre essa modalidade de educação. Espindola (2012) relata que nos **Pareceres de educação** de Rui Barbosa da década de 1880, aparecia a defesa de criação de um sistema de educacional nacional:

O estabelecimento de espaços para a prática educativa de crianças pequenas já vinha sendo colocada por diversos intelectuais desde o Império. Podemos citar os **Pareceres de educação** de Rui Barbosa de 1883, no qual o autor defende um projeto de modernidade para o país, via criação de um sistema nacional de ensino, obrigatório, laico e gratuito, desde o “jardim de crianças” até o ensino superior (VALLE, 1997). No projeto apresentado por Barbosa (1947c [1883], p. 85) “O jardim de crianças tem por finalidade desenvolver harmonicamente as

¹¹ O método intuitivo utilizava os objetos como suporte didático e os sentidos possibilitavam a produção de ideias, iniciando do concreto e ascendendo à abstração. Os sentidos deveriam ser educados para obter o conhecimento, passando da intuição dos sentidos para a intuição intelectual.

faculdades físicas, mentais e intelectuais das crianças na primeira idade, mediante o emprego do método Froebel”. [...] A escola e a família foram duas instituições importantes para a concepção de infância moderna. (ESPINDOLA, 2012, p. 133).

Em São Paulo, foi inaugurado em três de março de 1896 um jardim de infância junto a Escola Normal, esse era um curso preparatório para a Escola Modelo. Monarcha (2001) relata alguns problemas enfrentados por essa instituição como a falta de materiais, pois a instituição seguia o modelo froebeliano. A tradução do material teórico foi realizado por Maria Ernestina Varella, Zalina Rolin e Rosina Soares (MONARCHA, 2001, p.83).

Azevedo (2013) ainda indica como importante para a história da primeira infância, a fundação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil em 1899, a qual se destinava ao atendimento de crianças de até oito anos de idade, visando proteger crianças pobres, doentes, deficientes, etc. Assim como: “[...] regulamentar serviços de ama de leite, atenção à saúde dos recém-nascidos, criação de maternidades, creches e Jardim de Infância, visto que, existiam muitos problemas de vários sentidos para as crianças.” (AZEVEDO, 2013. p.59).

Nesse mesmo ano foi inaugurada uma das primeiras creches brasileiras para filhos de operários pertencentes a Companhia de Fiação de Tecidos Corcovado (Rio de Janeiro), aliado a outras iniciativas relativas ao atendimento da criança pobre. Essas instituições também possuíam intenções de futuros lucros com a iniciativa privada, através da ênfase no pedagógico. Aliás o termo “pedagógico” foi utilizado como um meio de atrair famílias de melhor poder aquisitivo e distingue essas instituições dos asilos e creches destinados a população menos abastada. (KUHLMANN JR., 2001).

Nesse sentido percebemos que, existia uma distinção entre às instituições dos filhos das camadas mais populares, centradas no cuidado e proteção das crianças, enquanto as crianças das elites tinham locais fundados no pedagógico. Sendo o próprio termo “jardim de infância” utilizado para as classes abastadas, deixando o rastro do estigma das crianças das classes populares que utilizam a creche até os tempos atuais.

A partir do século XX com a mudança de regime político, a concepção de infância vai se modificando, as iniciativas públicas se intensificam, a intenção não era só assistencialista. Segundo Espindola (2012, p. 44), nesse período “[...] A educação foi percebida como meio de construção da nação e caberia ao poder público a responsabilidade de promovê-la, dirigi-la e fiscalizá-la.” Os jardins de infância

assumiram esse discurso sobre a infância, assim formar as crianças serviria o desenvolvimento da pátria através de uma formação do indivíduo.

Na Paraíba, as ideias sobre a necessidade de implantação de jardins de infância começam a ser disseminadas no início do século XIX, mais especificamente com a defesa de Xavier Júnior entre os anos de 1908 a 1913 (ESPINDOLA, 2012, 2017; NASCIMENTO, 2018):

Outra orientação de Xavier Junior como diretor da instrução pública no estado foi o estabelecimento de jardins de infância, para tal ele se embasou nos argumentos de Augusto Froubel. Seu plano era que um jardim de infância fosse anexado à Escola Modelo. E citou as experiências europeias e norte americanas para a construção desse espaço destinado às crianças menores de cinco anos. Os jardins de infância foram percebidos como uma maneira dos governos poderem incentivar o *seu desenvolvimento futuro* (XAVIER JUNIOR, 1908, p. 43) e em conformidade com o diretor já havia sido provado resultados nos outros países. (ESPINDOLA, 2017, p. 144-145).

Espindola (2012) ainda destaca as iniciativas do presidente de estado Castro Pinto como a **lei n. 388** de sete de outubro de 1913 que visava reformar a Escola Normal e criar grupos escolares e jardins de infância no estado. Porém, por questões políticas nem os jardins nem os grupos escolares foram implementados nesse período.

Assim como Kuhlmann Jr. (2001) relata que no final do século XIX e início do século XX, Souza Bandeira Filho realizou viagens à França, Suíça, Áustria e Alemanha para sondar como funcionavam os jardins de infância. Em setembro de 1922, em mensagem oficial, o presidente de estado Solon de Lucena, descreve a “deficiência” da Paraíba, pois o estado não possuía nenhuma instituição para a educação das crianças na faixa etária dos quatro a seis anos. Para resolver esse problema, ele nomeou Alice Monteiro para realizar uma viagem pedagógica para o Rio de Janeiro. Segundo Espindola (2017), nesse período era comum os presidentes de estado enviarem pessoas para outros estados (e até mesmo para fora do país) para conhecer os modelos já implantados. Segundo Lucena (1922, p. 52), Monteiro seria a pessoa qualificada para tal viagem que não traria ônus para os cofres públicos.

Na *Revista do Ensino*, número XI de dezembro de 1936, encontramos um artigo de Monteiro (1936), no qual a professora expôs que havia redigido relatórios destinados a Solon de Lucena para a criação do primeiro jardim de infância na capital. Segundo a autora, Lucena se mostrou favorável a ideia, mas seu falecimento em 1926, adiaram os

projetos. Diante desse episódio Monteiro (1936, p.15-16) precisou repensar estratégias na implantação de seus projetos como podemos ver na citação:

Resolvi fazer uma tentativa, no magistério particular, dos meus projectos. Precisava de prédio espaçoso, confortavel, para servir de lar escola por algumas horas aos futuros pequenos alunos.
O Interventor deu-me, a título de experiência, para que procurasse impôr o jardim da infancia, a parte térrea do predio n° 28 á Rua Epitácio Pessoa. Estava assim creado o Curso Modelo, em 1 de Fevereiro de 1932, constando de “jardins” e aulas primárias.

Podemos, portanto, perceber a centralidade da figura de Alice de Azevedo Monteiro no processo de implantação dos jardins de infância na capital paraibana. Assim, os primeiros os jardins de infância foram fundados em 1932, particular, e 1934, oficial com a iniciativa de Alice de Azevedo Monteiro e a professora Nayde Ribeiro. Lima (2011, p. 13, grifo da autora) diz que:

A implantação dos jardins de infância a partir de 1932, na cidade da Parahyba, atual João Pessoa, constituiu o novo espaço escolar da cidade, criado à luz do ideário escolanovista e das reformas propostas para aquele momento histórico. A sua instalação foi resultante das aspirações culturais das lideranças políticas e de alguns intelectuais e educadores. Entre os educadores merece destaque a atuação da professora Alice de Azevedo Monteiro que empreendeu grandes esforços na busca de criar *kindergarten* na Cidade da Parahyba.

Em 1932, o jardim de infância particular foi inaugurado na Paraíba, descrito como “curso modelo” nas propagandas de jornais (LIMA, 2011). Ministrado por Alice de Azevedo Monteiro e Nayde R. Martins Ribeiro, esse jardim funcionou na casa da segunda professora, que era localizada próxima ao ponto final do Bonde no Tambiá. Os anúncios foram publicados nos meses de janeiro e fevereiro e junto com ele tinham as tabelas de preços, as referências profissionais e acadêmicas das professoras, bem como suas habilidades (SILVA, 2017). Por meio dos anúncios, evidenciamos que Alice Monteiro realizou viagens pedagógicas para Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal.

No Grupo Escolar Tomas Mindello, o jardim de infância oficial deu início ao que seria o primeiro de tantos da esfera pública da Paraíba. Esses dois jardins de infância coexistiram na Paraíba com a direção de Monteiro. Aqui temos imagens do dia da inauguração:



Figura 3 Inauguração do Jardim de Infância no Grupo Escolar Thomaz Mindello. Fonte: Revista do Ensino (1934, p.46-47). Disponível em: https://issuu.com/revistadoensino/docs/revista_do_ensino_ix.

De acordo com Lima (2011) na Paraíba o processo de instalação dos jardins de infância, não seguiu o modelo que era apresentado em outros lugares como São Paulo, os quais eram anexados às escolas normais. Aqui, os jardins de infância foram criados em anexo aos grupos escolares, assim como vimos nas imagens acima, esse modelo tomou um estilo próprio e foi ressignificado (LIMA, 2011).

Silvestre (4 nov.1934, p.3 **apud** LIMA, 2011, p. 39-40) expressou em um artigo no jornal *A União* que significou a atmosfera da criação dos jardins de infância para a Paraíba:

Ardentemente desejei encontrar-me nesse meio, recebendo como uma benção divina a influência boa dessas almas meio anjo e metade homem, e quis os fados que essa oportunidade me fosse oferecida.
Ali estarei para admirar a obra patriótica da emérita educadora e fazer côro nos aplausos a que Ella tem inegável direito.

Em consonância com os outros jardins instalados no Brasil, o da Paraíba também seguiu o modelo froebeliano, principalmente em relação ao ambiente e o mobiliário, conforme observou Lima (2011, p. 33):

[...] os móveis eram encomendados e confeccionados para atender as necessidades dos jardins de infância, ou seja, ao público o qual atendia. Chama a atenção, ainda importância dada à compra do piano para o auditório do Jardim de infância do Grupo Escolar Epitácio Pessoa, afinal para Froebel, os ‘exercícios de expressão’ eram essenciais para a educação: os cantos, as poesias, os desenhos, as pinturas e as esculturas faziam com que as crianças pudessem se expressar através da arte.

Na *Revista do Ensino* número IX de 1936, encontramos diversas fotografias de grupos escolares na Paraíba. Infelizmente essas imagens foram utilizadas como forma decorativa na revista, pois não estavam relacionadas aos artigos publicados, esse fato nos deixa com lacunas sobre essas imagens, pois apenas constava em qual jardim de infância a fotografia havia sido tirada, impedindo maiores análises. Mas por outro lado essas imagens nos mostram as salas de atividades e as crianças, logo trouxeram informações importantes para nós. Sabemos que:

A fotografia, desde a sua invenção, está associada à idéia de realidade, de comprovação do real, prova de que os fatos captados e fixados no instantâneo aconteceram e da maneira como ali estão, um documento, portanto, de prova incontestável. Contudo, sabe-se que uma fotografia não representa a total veracidade dos fatos e uma visão neutra da realidade, devido, justamente, à interferência subjetiva de quem registra os acontecimentos, à interferência do olhar do fotógrafo, que, mesmo se detendo na ação que se desenrola à sua frente, ou seja, o objeto a ser fotografado, a posição em que irar fotografar ou ângulo escolhido, interferirá no resultado da imagem e em seu sentido. (SONEGO, 2010, p. 116).

Assim, percebemos em todas as fotografias que selecionamos a “criação” de um cenário, ou seja, as imagens nos mostram exatamente o que uma pessoa, ou um grupo de pessoas, queria deixar registrado. Logo tanto as disposições de cadeiras e mesas, quantos

os móveis, os trabalhos, as crianças etc. devem ter sido cuidadosamente selecionadas e colocadas em seu devido lugar para compor esses registros. Havia uma intencionalidade pedagógica em mostrar tais espaços e pessoas dispostos dessa forma.



Figura 4 Jardim de infância Santa Therezinha. Fonte: Revista do ensino (1936, p.35). Disponível em: https://issuu.com/revistadoensino/docs/revista_do_ensino_ix

Nessa imagem podemos ver 29 crianças divididas em mesas e cadeiras de tamanho próprio. Percebemos ao fundo no canto direito desenhos das crianças expostos na parede. Também destacamos a presença de uma planta em um jarro no centro da imagem, era comum existir vasos nas salas de atividades. Monteiro (1932a, p.48), demonstrou em um de seus artigos, que para as crianças, um ambiente austero de adultos, com móveis sérios e sem cor, não contribuiriam para o bom desenvolvimento das mesmas, preocupação com a luz natural, mobiliário e material que possa ser transportado e manuseado facilmente pelas crianças. Em suas palavras: “Cultivando-se os sentidos desenvolve-se o bom gosto, o senso de harmonia, de elegância, sem desprezar o amor ao bem e às qualidades do caráter, que são igualmente uma forma de elegância e de bom gosto”(MONTEIRO, 1932a, p.48). Fazendo assim uma relação com as ideias de Froebel, em sua analogia as crianças eram plantas que precisavam de um ambiente e cuidados adequados, já as professoras, seriam as jardineiras que se tivessem atenção e cuidado com as mesmas, colheriam bons frutos no futuro. Em outro jardim de infância a cena se repete (desenhos nas paredes e planta no centro):



Figura 5 Jardim de infância Isabel Maria das Neves. Fonte: Revista do Ensino (1936, p. 56).

Disponível em: https://issuu.com/revistadoensino/docs/revista_do_ensino_ix

Por fim, em uma última imagem podemos ver o mobiliário ao fundo, o móvel mesmo que com portas estavam ao alcance das crianças o que pode indicar que as mesmas tinham acesso ao material disposto na sala.



Figura 6 Jardim de Infância Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: Revista do Ensino (1936, p. 43). Disponível em: https://issuu.com/revistadoensino/docs/revista_do_ensino_ix

Mais adiante, pudemos, a partir de quadro elaborado por Lima (2011) conhecer de forma sistemática, quais jardins de infância foram sendo criados e que vigoraram neste período na cidade de João Pessoa.

Localização dos jardins de infância criados na capital (1932-1939)

REDE DE ENSINO A QUAL PERTENCIA	ONDE FUNCIONOU	OBSERVAÇÃO
Particular	Prédio da Ordem dos Advogados da Paraíba	Curso Modelo Jardim de Infância a cargo da professora Alice de Azevedo Monteiro.
Público	Grupo Escolar Dr. Thomaz Mindello	Primeiro Jardim de Infância “Oficial” do Estado(1934)
Público	Grupo Escolar Isabel Maria das Neves	Segundo Jardim de Infância público na capital(1934). Coincidentemente fundado no segundo grupo escolar
Público	Grupo Escolar Epitácio Pessoa	
Público	Grupo Escolar Antônio Pessoa	
	Grupo Escolar Santo Antônio	
Particular	Escola Paroquial Nossa Senhora de Lourdes	Instituição Confessional, localizada anexa a igreja de igual nome. Sendo posteriormente transferida, no início da década de 1940, para dependências próprias, localizadas na Av. Epitácio Pessoa. Acreditamos ser o atual prédio do Colégio Lourdinias.
Público	Instituto de Educação da Paraíba	Inaugurado em 1939.

Tabela 1 Localização dos jardins de infância criados na capital (1932-1939). Quadro elaborado por Lima (2011, p. 50-51).

Como podemos perceber, houve a proliferação dos jardins de infância tanto públicos quanto privados em João Pessoa nas décadas de 1930 e de 1940. No próximo capítulo percorremos rapidamente a vida da professora Alice de Azevedo Monteiro e

realizamos um mapeamento dos artigos sobre as crianças pequenas e a infância contidos nas *Revista do Ensino*.

3. MAPEAMENTO DA INFÂNCIA NAS REVISTAS DO ENSINO DA PARAÍBA: ALICE DE AZEVEDO MONTEIRO E OS JARDINS DE INFÂNCIA

Este capítulo possui como objetivo de fazer um mapeamento acerca das *Revistas do Ensino* da Paraíba. Faremos uma descrição das 15 publicações das revistas com seus 18 números, objetivando filtrar os temas de interesse da pesquisa que são: Alice Azevedo Monteiro, jardim de infância, infância e criança.

3.1 A *Revista do Ensino*

A *Revista do Ensino*¹² da Paraíba circulou na Paraíba entre os anos de 1932 e 1942, era produzida pela Imprensa Oficial e editada pela Diretoria do Ensino Primário do Estado, concedendo meios de visibilidade dos interesses educacionais do estado na época, bem como era um espaço para se divulgar as ideias dos intelectuais, educadores e políticos em geral. Teve como idealizador e primeiro editor o professor José Baptista de Mello (RODRIGUES; SILVA, 2019).

Apesar de ter sido pensada como um periódico trimestral, Rodrigues e Silva (2019) relatam que assim como outros periódicos da época, a *Revista do Ensino* não conseguiu manter a periodicidade. A revista tinha como objetivo ser “um veículo de propaganda governamental” e, também, ser uma revista com cunho didático-metodológico (RODRIGUES; SILVA, 2019). Sobre o formato e o seu tamanho, elucidam Rodrigues e Silva (2019, p. 26):

O formato da Revista do Ensino não sofreu alterações expressivas durante todo o seu período de circulação (1932-1942), mantendo as dimensões de, aproximadamente, 19cm de largura e 12cm de altura. Em contrário, no que concerne ao total de páginas, observamos uma grande variação, em alguns números, de modo que temos desde exemplares com 62 páginas (considerando as páginas de contracapa, sumário, homenagem a alguma pessoa ilustre, entre outros), a outros com mais de 100 páginas, a exemplo do número 14, ano IV, de dezembro de 1936 (166 páginas).

¹² Uma equipe de professores e pesquisadores da UFPB e UFCG fizeram o trabalho de verificação, coleta e digitalização desse periódico. Esse empenho trouxe praticidade e facilidade tanto aos pesquisadores locais, quanto àqueles de fora do estado, que não possuem acesso direto aos arquivos nos quais as revistas estão guardadas.

Ainda sobre a materialidade da revista, as autoras destacam as suas capas e passagem por três fases diferentes. Na segunda fase foram impressas imagens de prédios escolares em três números das revistas: “[...] o Instituto de Educação, no número 12; o Jardim de Infância, no número 14; e o Grupo Escolar Eptácio Pessoa, no número 15.” (RODRIGUES; SILVA, 2019, p. 28). Nos chamou atenção a capa destinada ao jardim de infância publicada em 1936, apenas quatro anos depois da instalação da primeira instituição para as crianças pequenas. As autoras destacam que a escolha dessas imagens fazia parte do discurso republicano, o qual tinha a educação como um importante símbolo modernizador e também como parte da propaganda governamental.

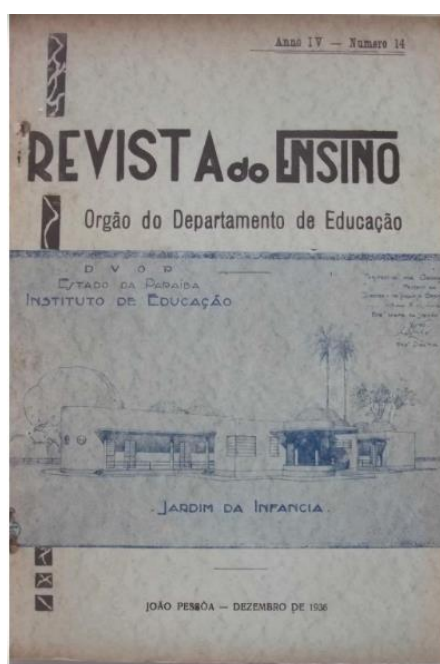


Figura 7 Capa da Revista do Ensino, n. 14, 1936.

Segundo Pinheiro (2002), o Instituto de Educação era composto por uma escola de professores, uma escola secundária equiparada ao Colégio Pedro II, uma escola de aplicação e um jardim de infância e teve seu projeto iniciado em 1935. Lima (2011) relata a inauguração desse jardim de infância (onde atualmente funciona a Escola Estadual Argemira Pereira Gomes) em 1939 com a presença de autoridades políticas e religiosas, professores e intelectuais. Essa suntuosidade nos traz ideia da importância que a educação da primeira infância vinha adquirindo no período.

Voltando a *Revista do Ensino*, Rodrigues e Silva (2019, p. 30) identificam as temáticas recorrentes, são elas:

[...] noções de psicologia educacional; diretrizes para a educação das crianças; métodos e processos de ensino; higiene escolar e educação sanitária; estrutura física das escolas; seminários e conferências sobre educação; atos oficiais referentes ao Ensino Primário e Normal do Estado; e dados estatísticos sobre a Instrução Pública e Particular (dados numéricos de matrículas no ensino primário).

Abaixo podemos visualizar o quadro elaborado por nós a partir do mapeamento dos artigos na revista que possuíam como tema: jardim de infância, primeira infância e Alice de Azevedo Monteiro.

Mapeamento da temática sobre infância nas *Revistas do Ensino*

N da				
Revista	Ano	Título	Autor	Páginas
I (1)	Abril 1932	Jardim de Infancia	Alice Azevedo	13 a 14
II (2)	Julho 1932	Brincar e Estudar	Alice Azevedo	47 a 48
III (3)	Set/ 1932	-Idade Escolar	Dr. Severino Patrício	53 a 54
		-Deveres do Estado para com a Criança	Mário Gomes	61 a 65
IV (4e 5)	Março 1933	Não Obtivemos Artigos Relacionados à Temática da Pesquisa		
V (6 e 7)	Set/ 1933	-Palavras da Diretora do “Jardim da Infancia” para a “Revista do Ensino”	Alice de Azevedo	27 a 32
		-Cruzada Infantil	Mário Gomes;	39 a 45
		-Palestra Proferida Pela Jardineira da Escola de Aplicação.... Senhora Maria Perpedigna Cezar Galvão” de Alice de Azevedo.	Alice de Azevedo;	51a53
VI (8 E 9)	Março/19 34	O Ensino de Cálculo no Jardim de Infancia	Alice de Azevedo	41 a 47
VII (10)	Julho/ 1934	-Lar e Escola	-Mário Gomes	25 a 28
		-Educação Infantil	-Mário Gomes	37 a 43
		-Inauguração do Jardim de Infância Anexo ao Grupo Tomaz Mindello		46 a 47

VIII (11)	Dezem/ 1934	-Uma Contribuição para os Jardins de Infancia	Alice de Azevedo	25 a 30
		-Palestra de Alice Azevedo Monteiro	Alice Azevedo	45
VIX (12)	Maio/ 1936	-Foto		19
		-Foto		26
		-Foto do Jardim Santa Terezinha		35
		- Foto do Jardim Nossa Senhora de Lourdes		43
		-Foto do Jardim Isabel Maria das Neves		56
		- Foto Jardim de Infancia		62
X (13)	Set/ 1936	-Alice de Azevedo Monteiro - Secretaria Geral da Segunda Semana Pedagógica - Resumo dos Trabalhos		48
		- Como Observar Nossas Crianças	Julita Ribeiro	51 a 52
XI (14)	1936	-Curso Modelo	Alice de Azevedo	15 a 16
		-3ªSemana Pedagógica		
XII (15)	1937	A Educação dos Parvulos e os Jardins de Infancia	Alice de Azevedo	23 a 25
XIII (16)	Ago/ 1938	Noção de Comportamento	Mário Gomes	31 a 33
XIV (17)	Abril 1942	-A Criança e o Educador	Silvia Pessoa	19 a 21
		- Jardins de Infancia	Alice de Azevedo	25 a 26
XV (18)	1942	- Educação Pré-Primária	Maria Leite	83 a 85
		-Os Brinquedos Educativos	Cooperativismo Escolar	93 A 95

Tabela 2 mapeamento. Elaborada em colaboração com o Grupo de Pesquisa do Prolicen.

Em nosso mapeamento encontramos 21 artigos que falavam sobre nosso tema de pesquisa; três títulos que se referiram a informativos da inauguração do Jardim de Infância anexo ao Grupo escolar Thomaz Mindello; um com o resumo dos trabalhos da semana pedagógica e outro da terceira semana pedagógica. Também destacamos os autores¹³: Alice de Azevedo Monteiro com dez artigos, Mário Gomes com cinco artigos, Dr. Severino Patrício com um, Julita Ribeiro com um, Silvia pessoa com um, Maria Leite um

¹³ Infelizmente devido a brevidade desta pesquisa não conseguimos procurar informações sobre os outros autores.

e Cooperativismo Escolar com um. Por fim, também catalogamos seis fotografias relacionadas aos jardins de infância na Paraíba. No próximo tópico, analisamos os artigos separadamente.

3.2 As crianças e a infância na *Revista do Ensino*

Na primeira Revista, a *Revista do Ensino* I de abril de 1932, encontramos o artigo **Jardim de Infância**, escrito por Alice de Azevedo Monteiro. Nesse artigo, a autora expressa a preocupação com “o aprender as coisas de fora para dentro” e a importância do ensino maternal para as crianças pequenas, pois os professores das séries iniciais encontravam dificuldades em disciplinar a crianças e ensinar coisas que já poderiam ter aprendido anteriormente com “as jardineiras”. (MONTEIRO, 1932a, p. 13). Ela acreditava que nem os castigos nem as premiações seriam capazes de transformar crianças em bem comportadas na sociedade e sim o ensino maternal que seria um momento de preparação da criança para o ensino primário. O jardim de infância seria uma fase em que a criança necessitava de afeto e amor:

A mestra, sabendo mais psicologia que pedagogia será mais mãe que mestra: toda bondade e simplicidade, sem pose nem reumatismos...tão capaz de ensinar ginástica como cantar ou consolar uma criança, e sobretudo amiga, bem amiga dos pequeninos, com um grande coração capaz de guardá-los todos nele. (MONTEIRO, 1932a, p.13)

Seria por meio do amor oferecido aos pequenos, acreditava Monteiro, que a professora receberia esse afeto de volta e as crianças agiriam “de bom grado” realizando tudo que lhes fossem pedido. Ressaltava-se nesse inscrito, o quanto que os professores primários seriam contemplados com alunos afetuosos e bons, dispensando a necessidade de aplicarem-lhes castigos futuros.

O pensamento seria o de não ser arbitrários com as crianças para que elas tivessem autoconfiança em si mesmos, respeitando suas vontades, cultivando um espírito equilibrado e confiante para tornar-se forte para enfrentar as dificuldades da vida. (MONTEIRO, 1932a, p.14).

Na *Revista do Ensino* II de julho de 1932, o artigo **Brincar e Estudar**, a professora Alice Monteiro explicou que no jardim de infância o brincar e estudar

deveriam estar atrelados, que esses termos não poderiam estar dissociados, para que o estudar não seja “um fardo” para a criança, devendo ela sentir prazer no que faz. Nas palavras da autora: “A escola moderna é a escola oficina, escola laboratório, escola jardim”. (MONTEIRO, 1932b, p.47) Ou seja, a escola é experimentação e produção prazerosa.

Ela demonstrou que para as crianças o ambiente austero dos adultos, com móveis sérios e sem cor, não contribui para o bom desenvolvimento, além da necessidade de existência de plantas, luz natural, mobiliário e material que possa ser transportado e manuseado facilmente pelas crianças. Monteiro acreditava que as crianças aprenderiam muito com a experiência da sensibilidade ao interagir com as flores, ao apreciar a música, ao contemplar as cores, isso viria a construir um “bom cidadão brasileiro”: “Cultivando-se os sentidos desenvolve-se o bom gosto, o senso de harmonia, de elegância, sem desprezar o amor ao bem e às qualidades do caráter, que são igualmente uma forma de elegância e de bom gosto”. (MONTEIRO, 1932b, p.48). Essa analogia feita com plantas e jardim, identifica bastante o legado e estudos deixados por Froebel, essa comparação seguimos vislumbrando na maioria dos artigos aqui mapeados.

Na *Revista do Ensino* III de 1932, teremos o artigo **Idade Escolar** do Dr. Severino Patrício e **Deveres do Estado para com a Criança** de Mário Gomes.

No primeiro artigo, o Dr. Severino Patrício trouxe a importância da alimentação adequada para as crianças crescerem bem e saudáveis, para ele seria um crime a criança entrar no ensino primário antes de sete anos de idade, pois seria importante na higiene escolar o desenvolvimento físico e psíquico da criança. No trecho abaixo ele expressou a necessidade de uma boa alimentação:

Os auctores que se preocupam com a Hygiene Escolar, dizem que a alimentação da criança deve ser dividida em três partes: 1.º Reserva de crescimento; 2.º Quota de entretenimento; 3.º Quota de Reserva; ora os nossos meninos das escolas publicas primarias recebem na sua quasi totalidade, apenas a ração de entretenimento. São nesse particular, iguaes aos operarios que ganham apenas o necessario para não morrerem á fome. (PATRICIO, 1932, p. 53).

Dr. Severino Patrício ressaltou que o lugar de criança antes dos sete anos de idade seria nos jardins de infância, pois nesses ambientes não se percebia a dureza da escola primária, mesmo que não existisse de forma perfeita, ele acreditava que com boa vontade e um pouco de investimento, isso seja possível. Ele orçou a quantia de 20:000\$000, que

de acordo com sua fala nem empobreceria nem enriqueceria o estado, dando assim o exemplo do investimento feito pelo estado do Espírito Santo.

Na *Revista do Ensino* V de 1933, mapeamos o artigo Intitulado **Palavras da Diretora do “Jardim da Infancia” para a “Revista do Ensino”** de Alice de Azevedo Monteiro; **Cruzada Infantil** de Mário Gomes; **Palestra proferida pela jardineira da escola de aplicação.... Senhora Maria Perpedigna Cezar Galvão.**

No primeiro artigo, deparamo-nos com uma foto referente ao jardim de infância particular de Alice Azevedo Monteiro. Nela vemos um grupo de crianças realizando uma atividade ao ar livre, porém em suas cadeiras e mesas. Na fotografia conseguimos visualizar o total de 29 de crianças e três adultos: um homem e três mulheres. As mulheres duas vestem tons claros, como as crianças e provavelmente eram Alice Monteiro e Nayde Ribeiro.



Figura 8 Uma aula ao ar livre. Fonte: *Revista do Ensino* (1933, p. 26).
Disponível em : https://issuu.com/revistadoensino/docs/revista_do_ensino_v

Nesse artigo, Monteiro citou os estudos dos psicólogos Alfred Binet e Theodore Simon, referentes à identificação de alunos que com diferentes níveis cognitivos, vejamos como são retratados: “Efetivamente desde que o mestre disponha de meios que lhes permitam avaliar o nível mental relativo á idade dos indivíduos que compõem a sua escola, facilmente poderá separá-los em classes de super-normais, normais e de

anormais.” (MONTEIRO, 1933a, p. 28). Na fotografia a baixo podemos ver as crianças dispostas para o concurso de robustez:



Figura 9 Concurso de Robustes. Fonte: Revista do Ensino (1933, p 29).
Disponível em: https://issuu.com/revistadoensino/docs/revista_do_ensino_v

Nesse período, era difundida a ideia que as crianças seriam os cidadãos do futuro e que a pátria só alcançaria o patamar das nações ditas desenvolvidas caso a educação se iniciasse bem cedo. Alice Monteiro destacava a necessidade de se classificar as crianças de acordo com o seu nível cognitivo, assim os alunos mais avançados não iriam “aborrecer-se e perder o interesse na sala de aula” e os menos avançados deveriam ter a disposição materiais e métodos especialmente desenvolvidos para eles.

A autora inclusive justificava que a educação das crianças pequenas não seria um custo financeiro para o estado, já que a partir dessa educação haveria lucros que renderiam com juros no futuro, ou seja, a criança seria uma semente que ao ser plantada e cuidada devidamente, no futuro traria frutos para a nação.

Ainda nesse artigo, Monteiro cita a sua experiência com a viagem pedagógica proporcionada por Solon de Lucena ao Rio de Janeiro e ao Distrito Federal. Segundo a professora:

Não creio tivesse conseguido impôr a escola maternal ao meio em que vivo, onde a descrença de quasi todos me não conseguiu abalar sequer a fé no triunfo, se eu houvesse copiado exatamente o que vi no Distrito Federal. Conhecendo, como conheço, a sociedade paraibana onde comecei a lecionar quasi criança, tendo sido a preceptora dos pais de alguns dos pais de meus atuais alunos, com facilidade consegui crear a escola que é hoje, digo-o com prazer, um ponto de atração e de curiosidade para os que se interessam pelas cousas do ensino e de cultura intelectual entre nós. (MONTEIRO, 1933a, p. 30).

Alice Monteiro ainda escreveu que para esse seu processo de adaptação dos modelos vistos, ela encontrou inspiração nas teorias de Maria Montessori, Froebel, Decroly, Kergomard e Brés. Dessa forma, a professora construiu um material pedagógico e um método adaptado a sociedade paraibana.

No artigo seguinte “**Cruzada Infantil**” foi escrito por Mário Gomes. Nele o autor elenca diversos direitos das crianças e propõe um movimento para a criação de uma instituição assistencial às crianças. Segundo Gomes (1933, p. 39) “[...]salva-se a criança protegendo o Homem, protegendo-o com ação direta à Infância.” O autor elencou dez direitos, dentre eles destacamos:

2º) Direito à vida; Direito da garantia da alimentação e boa alimentação, tendo o estado como responsável em prover esta alimentação aqueles que não possuem condições para isso, promover boa alimentação nas instituições públicas e garantir boa saúde e assistência médica. [...]

4º) Direito a alegria e ao amor; Toda criança deve ser amada por seus pais, mestres e àqueles que fazem parte do seu meio social. Permitir que através dos jogos, brincadeiras, e contato com o ar livre a criança se desenvolva em um ambiente harmônico de alegria. Faz crítica ao modo de ensinar de forma anacrônica e verbalista, sem um bom planejamento que traga o ensino aliado a alegria. [...]

6º) Direito a liberdade e a superioridade; Devido a curiosidade inata à infância, explorar essa característica, proporcionando a autonomia nos trabalhos e boas relações na interação de ambos os sexos, trabalhando com liberdade e colaboração.

7º) Direito de ser alguém; Respeitar a vontade de cada um a ser o que quiser ser, facilitando e oportunizando os caminhos a serem galgados, de forma a incentivá-los a lutar e vencer por si mesmo às adversidades, na busca do triunfo. (GOMES, 1933, p. 39).

Ainda na Revista número V o artigo **“Palestra proferida pela jardineira da escola de aplicação.... Senhora Maria Perpedigna Cezar Galvão”**, a professora explicou a finalidade do jardim de infância. Assim Galvão inicia colocando que não teria o direito de dizer o que é certo ou errado aos professores, visto que eles já possuíam seus conhecimentos. Porém, a autora continua seu texto em forma de advertência, pois a pré-escola não estava pensando na educação dos sentidos. Dessa forma, ela citou os motivos para que se tenha estabelecido as escolas maternas, entre eles, a professora cita a necessidade das mães terem um lugar pra deixar seus filhos para poderem trabalhar, sendo essas escolas maternas comparadas aos cuidados que apenas uma mãe saberia dar.

Galvão (1933, p. 52-53) lamentou o fato de na Paraíba só se admitir crianças com mais de quatro anos e que o ensino muitas vezes era desinteressante aos pequenos:

E lamentável, porém, que não esteja ainda bem compreendida a finalidade do “Jardim de Infância”. Posso falar-vos assim, porque sou testemunha de fatos que comprovam o que acabo de dizer. [...] Começaram a frequentar o Jardim um mês, dois, três; a professora não ensina a lêr nem a escrever. Dizem os pais, que elas nada aproveitaram, e as retiraram do “Jardim”, para aguardarem em casa, com uma cartilha às mãos, o período escolar.

Assim a autora afirma que antes dos seis anos deveria ocorrer apenas a educação dos sentidos e que era necessário explicar aos pais a metodologia para que os mesmos não retirassem as crianças da escola maternal.

Na *Revista do Ensino* VI de 1934, encontramos o artigo: **O ensino de cálculo no Jardim de Infância: Palestra proferida pela professora Alice de Azevedo Monteiro**. Neste artigo, a autora trouxe a sua participação em uma exposição com os materiais pedagógicos fabricados por ela. Para tal, inicia citando nomes que pós-revolução francesa deram contribuições para educação e especificamente para a pedagogia, como: Mirabeau (com a criação do Liceu de ensino superior em Paris), Talleyrand (criação de escolas primárias), Condorcet (seriação), entre outros.

Monteiro ainda elogiou Pestalozzi que depois de Rousseau, esforçou-se na “educação das coisas sensíveis e naturais” e depois citou Froebel e os *Kindergartens* criados por ele. Monteiro, ainda, afirmou que a criança pequena seria capaz de desenhar, calcular, escrever, e tantas outras coisas, e que os professores deveriam saber como cativá-las e para que suas habilidades desabrochassem. O ambiente e as pessoas eram percebidos como influenciadores do comportamento infantil, pois não era só a escola que

formava a criança. Segundo a autora, a “jardineira” deveria utilizar de mais elogios que repressão:

A Jardineira não ensina regras; faz antes viver as causas que as produzem. Não pode nem deve pensar em repousar. Não tem direito de ser triste ou de ter desgosto. Deve ter uma alma de 3 anos para viver entre companheirinhos da mesma idade. (MONTEIRO, 1934a, p. 42).

Sobre o ensino de cálculo Alice Azevedo redigiu que os meninos do jardim de infância aceitavam bem essa disciplina, o que a fazia pensar que o problema não estava na matéria e sim no método empregado. Ela ainda revelou que se correspondia com colegas docentes de outros estados para sondar a receptividade do cálculo em outros lugares, e eles recomendavam o método de Montessori.

Um dos primeiros passos para o aprendizado da numeração é o emprego da moeda. O troco da moeda é uma excelente forma de atrair a atenção da criança. Manuseando as reluzentes moedinhas de 100 rs os pequenos facilmente aprendem a contar até 10. (MONTEIRO, 1934a, p.43).

Ela exemplificou que o ensino deveria ser na prática, ou seja, brincando de caixeiro, fazendo o pagamento à sapataria com as moedas e a utilizando sapatos na sapataria para o conhecimento de esquerdo e direito. Nesse artigo, a professora mostrou diferentes métodos para trabalhar vários aspectos da matemática, relação parte todo, associação, cálculo, grandeza, sempre trabalhando o concreto e o tátil.

Na *Revista do Ensino* VII de 1934, temos os artigos: **Lar e Escola e Educação Infantil** de Mário Gomes; **Inauguração do Jardim de Infância anexo ao Grupo Escolar “Dr Thomaz Mindello”**.

No artigo **Lar e Escola**, o autor realizou algumas conceituações sobre educação, família e sociedade, para explicar a importância articulação entre lar e escola. Para Gomes, os pais necessitavam adquirir conhecimentos, como os de higiene e cuidados importantes com a criança, para auxiliar na educação e nos cuidados com a infância bem como a aquisição de conhecimentos referentes à saúde. Ainda, segundo Mário Gomes (1934a) a educação do lar precedia a educação da escola e seria no lar que boa parte do sujeito se molda.

No artigo **Educação Infantil**, o autor tratou do desenvolvimento motor da criança, o ato de andar e superar obstáculos que proporcionavam o aprimoramento das habilidades

motoras. Depois ressaltou a aquisição da linguagem, do ato de se comunicar, e que para a aprendizagem de tais habilidades geralmente eram ensinadas pelos pais.

O artigo seria uma espécie de cartilha ou de conselhos do que se devia ou não fazer e evitar, como por exemplo: comer com regularidade, ter obediência, ter higiene, ser sociável, etc. O texto ainda sugeriu que os pais deveriam promover diversão e ocupação para as crianças, do contrário, tornava-se motivo para comportamentos indesejáveis. (GOMES, 1934b).

O outro escrito encontrado nessa mesma revista é o registro do dia dois de junho de 1934, a inauguração do Jardim de Infância no Grupo Tomaz Mindello em João Pessoa, sendo o primeiro público na Paraíba. Salientava a direção de Alice Azevedo e a importância de se ter a pré-escola e o jardim de infância, tendo a Diretoria, o intuito de ampliação desse gênero educativo, dada a importância da educação sensitiva.

Na *Revista do Ensino* VIII do ano de 1934, temos os artigos: **Uma Contribuição para os Jardins de Infância e Palestra de Alice Azevedo Monteiro** ambos de Alice Azevedo Monteiro.

No primeiro escrito, Alice Monteiro (1934b) começou expressando a preocupação em se manter na escola um ambiente de alegria, afeto e atratividade. Ela esboçou uma preocupação com a falta de recursos, mas acreditava que lentamente pode-se chegar ao resultado esperado na educação. De acordo com sua fala, pessoas de boa vontade que dirigiram o ensino, fazendo parte da causa pelos jardins de infância. Lima (2011) destaca um artigo do *Jornal A União* nesse período que pedia doações para a manutenção do leite dado as crianças que frequentavam o Jardim de Infância do Grupo Tomaz Mindello.

Seguindo no mesmo texto, Monteiro apresentou os planos de curso propostos para o jardim de infância. Ela seguiu, com vários planos práticos de ensino, cujos os títulos são: Passeio a um roçado; A arranca; Preparar o terreno e a maniva para o plantio; visita a uma “casa de fazer farinha”; Conservação e construção de uma “casa de fazer farinha”; Canto: “Mandioca”; A arranca do roçadinho da escola; A goma; Utilidade: mingaus, bolinhos; A crueira. A massa da mandioca; A lenda da Mandioca (Rodania) que encerra a sequência didática por assim dizer. (MONTEIRO, 1934b, p. 24). A professora complementou trazendo informações sobre os estímulos que deveriam ser proporcionados às crianças para estimular a memória, esses deveriam ser múltiplos e não apenas verbal, pois as crianças possuíam formas diferentes de memorização.

Na *Revista do Ensino* X de 1936, observamos que a capa destacou o Título: **Jardim da Infancia**. Nela encontramos o Resumo dos Trabalhos: Secretaria Geral da

Segunda Semana Pedagógica por Alice de Azevedo Monteiro; **Como observar nossas crianças** de Julita Ribeiro.

Em **Como observar nossas crianças**, a autora discorreu sobre a importância da observação para os professores, pois seria através dela que a jardineira conseguiria intervir. Diante de alunos diferentes, a observação se tornava essencial no processo de ensino. O professor, conhecendo melhor os alunos através da observação, poderia direcionar estímulos diferentes a grupos diferentes, para que as crianças não sentissem dependendo do seu nível, atividades pesadas ou fáceis demais. Ribeiro (1936) ainda relata existirem variáveis como meio social e condições de saúde física e psicológica do indivíduo, que poderia produzir na observação resultados equivocados sobre os alunos. No fim, a autora destacou a necessidade do professor adquirir experiência e treinar o estudo dos jardins de infância no Distrito Federal, que se apoiavam nos estudos dos norte-americanos, os quais fomentavam a prática e aperfeiçoavam a observação.

Na *Revista do Ensino* XI de dezembro de 1936 possuía o artigo **Curso Modelo** escrito por Alice de Azevedo Monteiro. Nesse artigo, Monteiro relatou a sua experiência com Solon de Lucena. Segundo a professora, ela teria apresentado relatórios destinados a Solon de Lucena e a João Pessoa. Assim em 1932, a professora intensificou a publicação de propagandas do jardim de infância nos jornais e nas revistas da capital. E segundo a mesma jornalista, médicos e professores entravam em contato com ela, pois haviam se interessado não só pelos métodos de ensino, mas também pelos hábitos de alimentação e de higiene divulgados por ela para o seu curso.

Dessa forma, relatou a professora suas ideias foram ganhando força, e quanto mais matriculados em seu jardim, mais ela conseguia investir em recursos e mobiliários. Monteiro (1936, p. 16) citou algumas experiências que extrapolaram os muros escolares como: o primeiro concurso de Robustez, os jogos de ginástica, o canto coral, a jardinagem e o menagerie¹⁴. Segundo a autora, o ensino era ministrado através da brincadeira e do manuseio com a natureza. Para destacando que o seu curso modelo se destinava: “[...] impor o Jardim de Infância à Paraíba.” (MONTEIRO, 1936, p.16).

Na *Revista do Ensino* XII de dezembro de 1937, temos **A Educação dos Parvulos e os Jardins de Infância** de Alice Azevedo Monteiro.

¹⁴ Ménagerie (lê-se "menagerri"), é uma palavra francesa para designar uma coleção particular de animais vivos em cativeiro, geralmente selvagens e exóticos.

Segundo Monteiro, a educação e a instrução não deveriam ser mensuradas através das notas obtidas, ela deveria possuir a lógica de tornar indivíduos adaptados à sociedade, preparando os sujeitos para enfrentar a vida real. Nessa perspectiva, o jardim de infância teria a função de preparar o indivíduo para o ensino primário, tendo a capacidade de desenvolver a atenção, a observação, dedução, etc. A autora ainda colocou que ordem, liberdade e espontaneidade fariam parte do jardim de infância, através da liberdade de movimento, de escolha, de expressão, as crianças poderiam se sentir mais confiantes, podendo dialogar bem com seus pares e com a jardineira, que por sua vez aprenderia formas de estudar uma melhor tendência a ser utilizada. As crianças ao manusear objetos com liberdade, aprenderia muitos tipos de noções, pois seria capaz de observar e viver a vida que os cerca. A professora ainda realizou uma ligação entre o bem-estar, a saúde das crianças e a pátria:

Deseja-se que o menino se sinta bem e viva feliz. Como uma planta carinhosamente cuidada e desenvolva sadia e bela, porque saúde física e moral é a melhor forma da beleza. Quanto mais forte e sadia é a criança de hoje, mais perfeito e forte será o homem de amanhã, maior rendimento produzirá, melhor servirá a coletividade e à pátria. (MONTEIRO, 1937, p. 24).

Nesse artigo, ainda encontramos uma explicação sobre a história da criação dos jardins de infância e sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, realizando uma ligação entre o surgimento dessa modalidade de ensino, como o suporte às famílias, que tinham a mãe como base de conforto aos filhos. No final, Monteiro discorreu sobre a mudança na perspectiva dos jardins de infância que deixariam de ser apenas assistencialistas para se tornarem pedagógicos.

Na *Revista do Ensino* XIII de agosto de 1938 selecionamos o artigo **Noções de Comportamento** de Mário Gomes. O autor discorreu sobre a importância da disciplina para a prática docente, pois a disciplina seria o modo das crianças se comportar, o que não deveria ser confundido com atitudes, as últimas deveriam ser objeto e observação do professor. Disciplina teria, assim, um aspecto mais profundo de ordem psicológico. Gomes (1938, p. 31) classificou as crianças como: “inquiêtas, impulsivas, emotivas, com acentuado índice de normalidade; e a os pervertidos, mentirosos e cleptomanos com índice inferior de normalidade”.

Para Gomes, o professor deveria, por meio treinamento da observação nos estudos psicológicos voltadas à criança, ser capaz de diferenciar o que era fantasia do que era

mentira. Dessa forma ele realizou uma espécie de manual para a identificação de algumas características infantis.

Na *Revista do Ensino* XIV de abril de 1942, encontramos uma homenagem póstuma a Alice de Azevedo juntamente a foto dela e os artigos: **A Criança e o Educador** de Silvia Pessoa; **Jardim de Infância** de Alice de Azevedo (republicado); **Bons e maus Escolares** de Mário Gomes.

Para Pessoa (1942, p. 19) “A criança é, nos dias presentes, a menina dos olhos da Nação, o ponto de convergência de todas as atenções, de todas as forças vitais dos pais”. Percebemos a ligação que a autora realiza entre o cuidado com a infância e a formação de futuros cidadãos. Para tal formação, segundo a autora, seriam necessárias habilidades básicas a serem passadas na sua formação como a moral cívica e a religiosa, as quais deveriam estar aliadas ao desenvolvimento físico e mental da criança.

Na sua escrita, percebemos a ideia que o futuro da nação estaria relacionado com a educação da criança, sendo a pátria exaltada em diversos momentos, esse discurso era muito difundido nesse período conforme vimos nos capítulos passados. Pessoa (1942) relatou a docência como um ato missionário e difícil, cujo objetivo é fazer da criança um futuro homem sábio e forte para a vida. Aliado à docência ela ressaltava a importância do catolicismo na formação dos professores. Essas eram ideias comuns no início o século XX e diversos sujeitos faziam essa relação entre criança/pátria e docência/missão/catolicismo.

Além dessa relação, a autora também destacou que os professores devem estudar os conhecimentos biológicos e psicológicos que atuariam nas diversas fases das fases das crianças, para assim atuar de forma adequada. Pessoa ainda realizou uma ligação entre a responsabilidade feminina e a escola como um prolongamento do lar, a qual deveria ser regida nos preceitos da religião e retidão. Em suas palavras: “Não permita os educadores que o amor e carinho mal aplicados, o afeto desmedido, levem a criança a excessiva familiaridade, que traduz desatenção ou indisciplina”. (PESSOA, 1942, p. 20).

Ela encerrou o artigo refletindo sobre a Psicologia da Educação e a Pedagogia Moderna que deveriam ser a base de estudo e atuação dos professores, pois a criança estaria evoluindo e isso revelaria diferenças entre as crianças antigas e as modernas.

No artigo **Bons e Maus Escolares**, Gomes (1942) se embasou nas teorias científicas do período para explicar que não se deveria seguir a classificação entre “os bons e os maus escolares”, assim como não deveria haver distinções em relação a classe

social. E nesse artigo, o professor também realizou uma ligação entre educar a criança para se ter um cidadão no futuro.

Gomes (1942) sugeriu que ocorresse sempre uma investigação sobre as causas que tornariam o aluno irritado ou mentiroso, etc. O professor instruído não menosprezaria esses tipos de alunos, pelo contrário ele procuraria na investigação e na cientificidade a solução para corrigir esses comportamentos. Como bases teóricas para o trabalho com as crianças com algum tipo de deficiência ele citou: Itard e Maria Montessori. A perspectiva de Mário Gomes acerca das crianças classificadas na época como “anormais” era de um olhar médico e de um olhar pedagógico no sentido da cura. No fim, Gomes defendeu a inclusão de alguns tipos de “crianças anormais” sendo o professor responsável por “remover os defeitos” dessas crianças.

Na *Revista do Ensino* XV de maio, junho e julho de 1942, obtivemos os artigos: **Educação Pré-Primária** de Maria Leite; **Brinquedos Educativos**.

Em **Educação Pré-Primária**, Leite (1942) se referia a educação de crianças com idade inferior a sete anos, a autora fala que a educação da infância era algo que estava em plena ascensão e debate. Reforçando a ideia de que a preparação dessas crianças antes do primário seria essencial no seu desenvolvimento em diversos aspectos e que essa se dava no lar e na escola, pois eram interligadas. Ela ainda dividiu em duas fases a educação pré-primária, a saber:

✚ **Escola Maternal**: para a qual a autora realizou uma breve explicação sobre a história da educação infantil, para que se destinava e que no Brasil de 1940 só existiam ensaios desse modelo na cidade de São Paulo.

✚ **Jardim de Infância**: caracterizado como uma instituição de Froebel. A autora considerava que esse ensino havia significado um grande avanço para a educação infantil e que compreendia as crianças de três a seis anos de idade. O objetivo dessas instituições seria o desenvolvimento dos sentidos e da inteligência das crianças, as preparando para as etapas seguintes.

No artigo **Brinquedos Educativos**, se reconhecia o brinquedo como um instrumento de grande importância para a educação das crianças pequenas, pois ele distraía e ajudaria as crianças a se educarem, bem como auxiliariam as mães nessa tarefa. O texto ainda enfatizou a importância da produção em larga escala dos brinquedos, pois os deixariam mais acessíveis a todas as classes.

Ainda se tratava no texto das idades adequadas para cada brinquedo, realçando que “Em todas as grandes lojas americanas, na secção brinquedos há esta advertência:

Não dê ao seu filho um brinquedo que exija esforço superior á sua idade.”(BRINQUEDOS..., 1942, p. 93). E dos cuidados na aquisição dos mesmo: “Com este brinquedo que bons hábitos podem ser desenvolvidos ou adquiridos? Ou, que maus hábitos podem ser provocados?” (BRINQUEDOS..., 1942, p. 93).

Por fim, o texto informou os bons e os maus hábitos referentes ao brinquedo, fazendo uma reflexão sobre esses objetos que deixavam as crianças felizes, e deveriam servir não apenas para a diversão, mas que deveriam ter finalidades pedagógicas.

Neste capítulo percorremos as *Revistas do ensino*, nelas mapeamos os artigos sobre a infância, as crianças e os jardins de infância. A educação das crianças pequenas era percebida como uma etapa compensatória para preparar as crianças para as etapas seguintes, assim como destacou Azevedo (2013). Essa concepção foi observada no modo de pensamento de Alice de Azevedo Monteiro e nos demais escritores da *Revista do Ensino*. A concepção da professora como jardineira de Froebel se fez muito presente nesse período, somada a ela vimos que muitos outros autores foram citados como Maria Montessori, Condorcet, Pestalozzi e Rousseau.

Nos artigos, também destacamos o ideal sobre como ser uma professora de crianças, percebemos que esse ideal estava muito ligado a Froebel e a tendência pedagógica romântica:

[...] o perfil adequado de uma educadora froebeliana deve ser o de alicerce, base, fulcro do trabalho escolar[...]a professora deve ter um perfil de adulto como modelo a ser seguido pelas crianças, protetora da infância, preparadora e organizadora do ambiente, ser habilidosa na observação dos seus alunos, ter destreza manual,” ser mulher, ativa, culta, paciente, sincera, humana, criativa, estudiosa e crente no criador.(AZEVEDO, 2013. p. 44).

Assim as professoras precisavam, além de uma formação adequada, se tornarem modelos para os seus alunos, pois os mesmos se espelhariam nelas. Na *Revista do Ensino*, por diversas vezes encontramos “manuais” de condutas para esses docentes e explicações de como deveriam agir ou o que deveriam estudar.

Nesse período, a pedagogia sofreu uma grande influência do higienismo, da medicina e da psicologia, as quais ditavam posturas, hábitos e classificavam as crianças em diversos tipos como “normais e anormais”.

Outra ideia muito presente nos textos, foi a da expectativa centrada na criança como esperança de um futuro para a nação. As falhas sempre eram atribuídas a falta de

formação dos professores ou as famílias, as condições de vida da população não pareciam fazer parte desse problema.

A criança nas décadas de 1930 e 1940, era percebida como a esperança de um futuro triunfante e renovado e para tal seriam necessários trabalhar seu corpo, sua mente e seus sentidos. Assim se contribuiria para um adulto forte e seguro de si, capaz de ser um cidadão produtivo.

Por fim, destacamos a futura necessidade de aprofundarmos diversos pontos deste capítulo, pois a infância se refere a um período vivido pelas crianças ao qual os adultos descrevem e se referem, tem a ver com a história das relações entre adultos, crianças, cultura e sociedade (FREITAS; KUHLMANN, 2002). No próximo capítulo trazemos as nossas considerações sobre esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como ideia central entender a atuação de Alice de Azevedo Monteiro na história dos jardins de infância na Paraíba, além de mapear as *Revistas do Ensino* da Paraíba, focamos em filtrar os temas que se referiam a Alice de Azevedo, Jardim de Infância e infância. Dessa forma descobrimos que além de Alice Monteiro outros nomes também fizeram parte das contribuições aos jardins de infância.

No primeiro capítulo que introduziu o trabalho, apresentamos nosso desejo sobre a temática. Essa vontade foi se acentuando à medida que discutimos a temática da infância no grupo de pesquisa do Prolicen. Quando soubemos que Alice de Azevedo Monteiro, além de uma das responsáveis pela disseminação dos jardins de infância na Paraíba, atuou também na criação do Preventório de Assistência aos filhos dos Lázarus da Paraíba, localizado no lugar de nossa naturalidade, isso nos moveu com bastante afinco na busca das fontes, dos objetivos e da própria pesquisa, pois ela fez parte da nossa história pessoal, o que se tornou muito motivador.

Nosso trabalho, foi um primeiro investimento de contribuição para a história da infância, que necessita ser ampliado, pois existe muitas outras histórias a serem registradas e preservadas. Ou seja, essa pesquisa foi um “rio” nas palavras de Freitas e Kuhlmann Jr. (2002), mas ainda temos um oceano para explorarmos. Portanto, a nossa intenção visou a colaboração de estudos e trabalhos que auxiliem outros, fazendo registros sobre a história da educação infantil. Ainda segundo os mesmos autores, os documentos que nortearam os estudos sobre a infância ainda são de certo modo recentes, uma vez que, a história da criança e da infância é relativamente recente na historiografia brasileira.

No que se referiu a importância de conhecer e produzir estudos sobre a Infância, apoiamos-nos em Azevedo (2013) e demos pinceladas acerca do que se entendia por infância, descobrindo que nem mesmo o termo infância existia, porquanto que a educação da criança pequena só foi ganhando importância a partir do século XIX e XX.

Os *Kindergatens* de Froebel foram sendo modelados conforme às realidades de cada país. Porém, as ideias da professora jardineira que cultivava e cuidava das crianças, o brinquedo como ferramenta importante no processo de aprendizagem, bem como os mobiliários e ambientes favoráveis, foram assuntos constantes, e esse modelo foi levado a vários lugares do mundo, inclusive à Paraíba.

Relatamos que no Brasil, Menezes Vieira e sua esposa trouxeram as ideias froebelianas para o Rio de Janeiro, fundando um dos primeiros jardins de infância do Brasil. Em São Paulo, o jardim de infância era anexo a Escola Normal, fazendo do lugar, um espaço de experiência para as futuras professoras interessadas em lecionar para crianças pequenas.

Na Paraíba, Alice de Azevedo Monteiro foi designada para realizar uma viagem pedagógica, na qual conheceu os jardins de infância implantados no Brasil, entre eles no Rio de Janeiro e em São Paulo. Dessa forma, a professora construiu sua capacitação e sua qualificação. Foi ela, a pessoa responsável por estudar, implantar e dirigir essa etapa educativa na Paraíba na década de 1930.

Apesar do nosso foco da pesquisa se dar em torno de Alice Azevedo e os jardins de infância, salientamos o papel social exercido em seus escritos, observados em outros trabalhos com enfoque no feminismo. Monteiro se envolveu nas causas femininas, escrevendo acerca do que era relevante para a mulher, impondo-se na sociedade como alguém capaz de opinar e refletir.

Nos empenhamos em tentar descobrir mais informações acerca da vida pessoal de Alice de Azevedo, sua data de nascimento e falecimento por exemplo. Para isso, nos detivemos nos jornais *A União*, porém até a data de finalização deste trabalho ainda não conseguimos essas informações. Tivemos a colaboração de um membro do IHGP que nos indicou o livro de logradouros de João Pessoa, ele havia feito uma pesquisa prévia e pudemos descobrir o nome do marido de Alice Azevedo, que era médico e se chamava Alfredo da Costa Monteiro.

Percebemos ao estudar Monteiro que sua trajetória foi dedicada a educação e a proteção da infância, começando pela contribuição que seus artigos da Revista do Ensino, deram acerca do tema infância.

Daí chegamos ao ponto de convergência com as preocupações da época, as quais não eram apenas de Alice de Azevedo, e sim da sociedade do início do século XX. Proteger as crianças das doenças e dos maus hábitos, ensinando-as boas práticas de higiene e saúde, preservando a saúde mental e física eram bandeiras levantadas por diversos professores e intelectuais nesse período. Esses pensamentos foram evidenciados nas leituras das *Revista do Ensino*, percebemos que a preocupação com higiene e saúde eram destinadas a todas as modalidades de ensino, sobretudo para os jardins de infância.

A criança da década de 1930 a 1940 foi tratada como um ser que necessitava de cuidados e educação específica para poder tornar-se um indivíduo forte, saudável e inteligente. Ou seja, a criança era vista como futuro da nação.

Ao percorrer os artigos das *Revistas do Ensino*, percebemos que além dos escritos de Alice Azevedo Monteiro, outras pessoas também tiveram contribuições significativas e isso nos proporcionou um grande aprendizado. Monteiro ao escrever sobre os jardins de infância, trata de temas como a afetividade, o desenvolvimento psíquico e biológico infantil, a postura dos professores e o modelo ideal de cidadãos.

Além da importância dada a Alice de Azevedo, destacamos também o professor Mário Gomes. Os artigos do professor demonstraram uma mudança no conceito de infância, pois além da proteção das mesmas, ele abordou em seu Sescritos, os direitos das crianças. Gomes também se revelou como alguém que tinha a sensibilidade de educar respeitando a diversidade dos sujeitos.

De um modo geral, toda a pesquisa acrescentou novos horizontes ao nosso percurso no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, contribuiu para novos conhecimentos sobre a história da educação da infância do nosso estado. Não podemos nos esquecer da relevância pessoal que este estudo nos promoveu, pois ele foi parte do nosso crescimento, ampliando nossa experiência que dará suporte para seguir em outras etapas na direção de renovadas explorações acadêmicas e pessoais.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. **Educação Infantil e formação de professores: para além da separação cuidar-educar**. São Paulo: Unesp, 2013.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Jardins de Crianças: O Pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). In: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da Infância Brasileira (1875-1983)**. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 31-80.
- COUTINHO, Natércia Suassuna D. Ribeiro; ODILON, Marcus. **Logradouros da grande João Pessoa: Personagens e Fatos**. s/n.
- CRUZ, Maria Helena. **Memorial do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. Edição comemorativa dos 90 anos de fundação 1905/1995. João Pessoa: Imprensa oficial, 1995.
- ESPINDOLA, Maíra Lewtchuk. **Primeira República, Intelectuais e educação: entre a utopia e o (des)encantamento de Castro Pinto (1888-1915)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- _____. **As experiências dos intelectuais no processo de escolarização primária na Parahyba (1824-1922)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, 2017.
- FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR., Moysés. **Os Intelectuais na História da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- KUHLMANN JR., Moysés. **O Jardim-de- Infância e a Educação das Crianças pobres**. In: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da Infância Brasileira (1875-1983)**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- LIMA, Rosângela Chrystina Fontes de. **Percursos e Percalços na Implantação dos Jardins de Infância na Cidade da Parahyba: uma contribuição ao estudo sobre a educação infantil (1917-1939)**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.
- MONARCHA, Carlos. **Revista do jardim da Infância Brasileira: Uma publicação Exemplar**. In. **Educação da Infância Brasileira**. São Paulo, 2001, p.81-119.
- MONARCHA, Carlos. **Revista do jardim da Infância Brasileira: Uma publicação Exemplar**. In: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da Infância Brasileira (1875-1983)**. Campinas: Autores Associados, 2001, p.81-119.
- MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NASCIMENTO, Carla Guedes do. **Ideias de Xavier Júnior sobre o jardim de infância da Paraíba na primeira república**. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, 2018.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. Página feminina: vozes de mulheres paraibanas na década de 1930. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: Invenções, Tradições e Escritas da História da Educação no Brasil, 6, 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, p. 1-10, 2011. (CD-ROOM).

NUNES, Maria Lúcia da Silva; VILAR, Adriana Marcineiro; DA SILVA, Elane Candido; FERREIRA, Tatianne da Conceição. Vocação, missão, profissão: a docência na visão de educadoras paraibanas (1935). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS "HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCA O NO BRASIL", 9, 2012, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: HISTEDBR/UFPB, 2012.

RODRIGUES, Melânia Mendonça; SILVA, V via de Melo Silva. Imprensa e educa o: a Revista do Ensino da Paraíba. In: RODRIGUES, Melânia Mendonça; SILVA, Ni dja Maria Ferreira de Lima, V via de Melo Silva (Org.). **Leituras sobre a Revista do Ensino da Paraíba (1932-1942)**. Campina Grande: EDUFPG, 2019 (e-book)

SILVA, Shirley Targino. **O discurso de mulheres educadoras na imprensa paraibana: tessituras do processo histórico de escolariza o na paraíba (1930 – 1939)**. Disserta o (Mestrado em Educa o) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. *Histori *, Rio Grande, v. 1, n. 2, 2010, p. 113-120.

FONTES

BRINQUEDOS EDUCATIVOS. **Revista do Ensino**. v. XV(18). João Pessoa, Imprensa Oficial, p. 93-95, Maio-Junho-Julho, 1942. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

COUTINHO, Natércia Suassuna D. Ribeiro; ODILON, Marcus. **Logradouros da grande João Pessoa: Personagens e Fatos**. s/n.

GALVÃO, Maria Perpedigna Cezar. Palestra proferida pela jardineira da escola de aplicação.... Senhora Maria Perpedigna Cezar Galvão. **Revista do Ensino**. v. V(6 e 7). João Pessoa, Imprensa Oficial, Setembro,1933. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

GOMES, Mário. Deveres do Estado para com a Criança. **Revista do Ensino**. v. III. João Pessoa, Setembro, Imprensa Oficial, p. 61-65, 1932. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

____. Cruzada Infantil. **Revista do Ensino**. v. V(6 e 7). João Pessoa, Imprensa Oficial, Setembro,1933. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

____. Lar e Escola e Educação Infantil. **Revista do Ensino**. v. VI (8 e 9). João Pessoa, Imprensa Oficial, Março, 1934a. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

____. Educação Infantil. **Revista do Ensino**. v. VI (8 e 9). João Pessoa, Imprensa Oficial, Março, 1934b. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

____. Noções de Comportamento. **Revista do Ensino**. v. XIII (16). João Pessoa, Imprensa Oficial, Agosto, 1938. p.31-33. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

____. Bons e maus Escolares. **Revista do Ensino**. v. XIV (17). João Pessoa, Imprensa Oficial, Abril, 1942. p. 19-26. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

LEITE, Maria. Educação pré-primária. **Revista do Ensino**. v. XIV (17). João Pessoa, Imprensa Oficial, Abril, 1942. p. 83-85. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

LUCENA, Solon de. **Mensagem apresentada á Assembléia Legislativa da Parahyba**. 1 set. 1922. Parahyba do Norte: Imprensa Oficial, 1922. Disponível em:< <http://www.crl.edu/content.asp?l1=4&l2=18&l3=33>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

MONTEIRO, Alice de Azevedo. Jardim de Infância. **Revista do Ensino**. v. 1, João Pessoa, Imprensa Oficial, Abril, 1932a. p.13-14. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. Brincar e Estudar. **Revista do Ensino**, v. II. João Pessoa, Imprensa Oficial, Julho,1932. p. 47-48. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. Palavras da diretora do “Jardim da Infancia” para a “Revista do Ensino”. **Revista do Ensino**. v. III. João Pessoa, Setembro, Imprensa Oficial,1932. p. 53-65. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. O Ensino de Cálculo no Jardim de Infância. **Revista do Ensino**. v. VI (8 e 9). João Pessoa, Imprensa Oficial, Março, 1934a. p. 46-47. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. Uma Contribuição para os Jardins de Infancia. **Revista do Ensino**. v. VIII (11). João Pessoa, Imprensa Oficial, Dezembro, 1934b. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. Palestra de Alice Azevedo Monteiro. **Revista do Ensino**. v. VIII (11). João Pessoa, Imprensa Oficial, Dezembro, 1934c. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. Curso Modelo. **Revista do Ensino**. v. XI (14). João Pessoa, Imprensa Oficial, Dezembro, 1936. p. 15-16. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. A Educação dos Parvulos e os Jardins de Infancia. **Revista do Ensino**. v. XII(15). João Pessoa, Imprensa Oficial, Dezembro,1937. p.23-25. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

PATRÍCIO, Severino. Idade Escolar. **Revista do Ensino**. v. III. João Pessoa, Setembro, Imprensa Oficial, p.53-54, 1932. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

PESSOA, Silvia. A Criança e o Educador. **Revista do Ensino**. v. XIV (17). João Pessoa, Imprensa Oficial, Abril, 1942. p. 19-26. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

RIBEIRO, Julita. Como observar nossas crianças. **Revista do Ensino**. v. X(13). João Pessoa, Imprensa Oficial, Setembro,1936, p.51-52. Disponível em: < <https://issuu.com/revistadoensino>>. Acesso em: 26 jun. 2019.